

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO MARIA ELISA DE ALBURQUERQUE MAIA – CAMEAM
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

MARIA JARINA BARBOSA

**A RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA ORAL PARA A ENTREVISTA
ESCRITA: UMA ANÁLISE DOS RECURSOS NÃO VERBAIS QUE OCORREM
DURANTE A TRANSPOSIÇÃO FALA / ESCRITA**

PAU DOS FERROS

2015

MARIA JARINA BARBOSA

**A RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA ORAL PARA A ENTREVISTA
ESCRITA: UMA ANÁLISE DOS RECURSOS NÃO VERBAIS QUE OCORREM
DURANTE A TRANSPOSIÇÃO FALA / ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ *Campus* Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes

PAU DOS FERROS

2015

Catálogo da Publicação na Fonte
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Barbosa, Maria Jarina.

A retextualização da entrevista oral para a entrevista escrita: uma análise dos recursos não verbais que ocorrem durante a transposição fala/escrita / Maria Jarina Barbosa. – Pau dos Ferros, RN, 2015.

128 f.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Análise – Dissertação. 2. Recursos não verbais – Dissertação. 3. Retextualização – Dissertação. 4. Texto – Dissertação. I. Pontes, Antonio Luciano. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/SIB

CDD 370.7

MARIA JARINA BARBOSA

**A RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA ORAL PARA A ENTREVISTA
ESCRITA: UMA ANÁLISE DOS RECURSOS NÃO VERBAIS QUE OCORREM
DURANTE A TRANSPOSIÇÃO FALA / ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ *Campus* Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes– Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

Prof. Dr. Samuel de Carvalho Lima – Examinador externo
Instituto Federal do Rio Grande do Norte/IFRN

Prof. Dra. Maria Eliete de Queiroz – Examinador interno
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

Profa. Dra.Débora Maria do Nascimento – Suplente
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

*A Deus e a minha mãe Alaíde, todo o meu
carinho, amor e gratidão.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu auxílio eterno, por mais uma vitória.

Ao meu orientador, Luciano Pontes, pela valiosa e competente orientação e por acreditar em mim.

Aos meus professores de mestrado, pelo empenho ao longo do curso.

Aos colegas de mestrado, inesquecíveis companheiros dessa jornada, especialmente às minhas amigas Aline, Cinete e Jucicleide, pelos momentos tão agradáveis e pelo companheirismo ao longo do curso.

Aos meus pais, Alaíde e Francisco Félix (*in memorian*), por terem sido a base de tudo que sou.

A minha família, por estar comigo em todos os momentos.

Aos meus queridos alunos, participantes da presente pesquisa, por toda dedicação e empenho.

Aos colegas professores que participaram desta pesquisa: Alves, Dilton, Irene, Júnior, Léo, Marceza, Matias, Rosilene, Sharliane, e Vânia, agradeço pela disponibilidade e ajuda.

Aos meus queridos colegas de trabalho, pela ajuda e compreensão ao longo do curso, especialmente aos amigos: Aurélio Manazes, Conceição Brasil, Eunília, Marílio Salgado, Paulo Rubens, Sharliane e Vânia pelas palavras de ajuda.

Ao meu amigo Harrison, pela preciosa ajuda ao longo de todo este trabalho, toda minha gratidão e admiração.

Ao Hugo Leonardo, outra preciosa ajuda neste trabalho, por toda sua disponibilidade e atenção.

À CAPES, pelo auxílio financeiro.

**O olho vê, a lembrança revê, e a
imaginação transvê. É preciso transver
o mundo.**

Manoel de Barros

RESUMO

Neste trabalho temos por objetivo analisar os recursos não verbais que ocorrem na transformação de um texto oral em um texto escrito, técnica denominada de retextualização. Para realizar essa transformação, utilizamos como gênero textual a entrevista. Dessa forma, foi realizada uma sequência didática com um grupo de vinte alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual, localizada em Fortaleza – Ceará. Os mesmos realizaram entrevistas orais com professores da escola e retextualizaram essas entrevistas para a modalidade escrita, constituindo assim, o corpus da pesquisa. Para investigar os recursos não verbais presentes nas retextualizações, elegemos quatro categorias para serem analisadas: recursos de oralidade, disposição de parágrafos, uso de letras maiúsculas e recursos de pontuação. Tomamos como principais aportes teóricos os estudos de Marcuschi (2008), Dell'Isola (2007), Halliday (1991), Lukeman (2011), dentre outros. Os resultados da pesquisa mostraram que as marcas de oralidade é um recurso marcante em todos os textos retextualizados. O emprego de letras maiúsculas e o recuo de parágrafos foram recursos usados de maneira satisfatória, porém houve uma carência quanto ao emprego do recurso de pontuação.

Palavras-chave: Análise. Recursos não verbais. Retextualização. Texto.

ABSTRACT

In this work we aim to analyze the non verbal resources that occur during the transformation of an oral text to a written text, a technique named retextualization. To achieve this transformation we used as the textual genre the interview. In this way, it was done a didactic sequence with a group of twenty elementary school students of a public school located in Fortaleza – Ceará. The same did oral interviews with the school teachers and then converted these oral interviews to written interviews, constituting the corpus of the research. To accomplish this investigation we chose four categories: orality resources, paragraph arrangement, the use of capital letters, and punctuation resources. We took as main theoretical contributions the studies of Marcuschi (2008), Dell'Isola (2007), Halliday (1991), Lukeman (2011) between many others. The results of the research showed that the orality resources is very strong in all the retextualized texts. The use of capital letters and the paragraph arrangement were used in satisfactoring way but there was a lack as for the use of the punctuation resources.

Keywords: Analysis.Non verbal resources. Retextualization.Text.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 A PRÁTICA DE RETEXTUALIZAÇÃO: DEFINIÇÃO E OPERAÇÕES	14
2.2 RETEXTUALIZAÇÃO: UM RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE ESCRITA	16
2.3 DA ENTREVISTA ORAL PARA A ENTREVISTA ESCRITA: UMA PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO	19
2.3.1 A entrevista sob dois aspectos	20
2.3.1.1 O gênero entrevista	21
2.3.1.2 A entrevista linguística	22
2.4 UM POUCO DA ORIGEM DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO	24
2.4.1 Os sinais pontuação e a multimodalidade	27
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	31
3.1 TIPO DE PESQUISA	31
3.2 PARTICIPANTES	32
3.2.1 Grupo de alunos	33
3.2.2 Entrevistados	34
3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	34
3.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	35
3.5 CATEGORIAS DE ANÁLISES	41
4 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	44
4.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA I	46
4.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA II	52
4.3 ANÁLISE DA ENTREVISTA III	61
4.4 ANÁLISE DA ENTREVISTA IV	67
4.5 ANÁLISE DA ENTREVISTA V	78
4.6 ANÁLISE DA ENTREVISTA VI	85
4.7 ANÁLISE DA ENTREVISTA VII	93
4.8 ANÁLISE DA ENTREVISTA VIII	101
4.9 ANÁLISE DA ENTREVISTA IX	108
4.10 ANÁLISE DA ENTREVISTA X	116
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	126

1 INTRODUÇÃO

Exercer a função de professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa nos níveis Fundamental e Médio há dez anos em escolas públicas estaduais, atualmente na E.E.F.M. Aloysio Barros Leal, situada na periferia de Fortaleza, possibilitou-me refletir não só sobre as questões que definem o sistema educativo brasileiro, como também observar e experimentar diferentes metodologias que orientam o estudo de línguas, especialmente no que diz respeito à produção textual em Língua Portuguesa.

Enquanto professora, percebi, na produção de textos, a maior deficiência de nossos alunos: falta de ideias e de vocabulário, falta de coerência e de coesão nas produções, dificuldades de pontuação e problemas de ortografia. O que os nossos alunos escrevem, geralmente, não corresponde ao que a escola quer. Há ainda uma lacuna muito grande no que diz respeito ao ensino da escrita e à qualidade dos textos produzidos pelos alunos, tanto de Ensino Fundamental como também de Ensino Médio.

Diante do exposto, a produção textual torna-se para nós, professores de Língua Portuguesa, um desafio, uma vez que esse aluno é obrigado a estar na escola durante doze anos, dividido em duas etapas: Ensino Fundamental (nove séries) e Ensino Médio (três séries). Acrescente-se a isso o fato de que Língua Portuguesa é a disciplina com maior carga horária ao lado de Matemática(ambas com seis horas aulas semanais). Concluímos, assim, que algo falha durante essa permanência do aluno na escola.

Diante dessa problemática, pretendemos, nessa pesquisa, mostrar uma experiência de produção textual aplicando atividades de Retextualização, partindo do texto oral para o texto escrito. O gênero textual escolhido foi a entrevista e o público foi um grupo de vinte alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental. Nosso trabalho com os alunos consistiu em produzir entrevistas orais, transcrevê-las e retextualizá-las para uma posterior análise do professor.

Sendo assim, o *corpus* desta pesquisa é constituído de dez entrevistas retextualizadas da modalidade oral para a modalidade escrita da língua. As entrevistas foram elaboradas por um grupo de vinte alunos do oitavo ano da Escola Aloysio Barros Leal em Fortaleza que, divididos em grupos de dois, entrevistaram professores da escola, transcreveram e retextualizaram essas entrevistas. Dessa

forma, privilegiamos não só o texto escrito, mas também o texto oral, percebendo a influência que um exerce sobre o outro.

A metodologia aplicada consistiu em uma sequência didática que foi dividida em duas etapas, totalizando dez encontros. Na primeira etapa, tivemos a apresentação da proposta de trabalho e do gênero textual entrevista. Após isso, foram elaboradas as perguntas e realizadas as gravações das entrevistas. O próximo passo foi a transcrição e, finalmente, as retextualizações do texto oral para o escrito com as devidas modificações segundo o entendimento dos alunos.

Com este trabalho, procuramos responder às seguintes questões na análise das produções textuais dos alunos:

- a) Quais os recursos tipográficos que ocorrem na passagem do texto oral para o texto escrito?
- b) Como é feita a disposição de parágrafos na passagem do texto oral para o texto escrito?
- c) Que recursos de pontuação são usados na passagem do texto oral para o texto escrito?

Nosso objetivo geral, nesta pesquisa, se deteve em analisar os recursos não verbais utilizados na passagem do texto oral para o texto escrito. Nossos objetivos específicos são:

- Analisar os recursos tipográficos que ocorrem na passagem do texto oral para o texto escrito;
- Analisar os usos de construção de parágrafos;
- Discutir os aspectos de pontuação que ocorrem na passagem do texto oral para o texto escrito.

Para essa análise, algumas categorias foram selecionadas a fim de melhor organizar nosso estudo, são elas: o emprego de letras maiúsculas, a disposição de parágrafos e os recursos de pontuação. Durante a análise dos textos, achamos necessário adotarmos mais uma categoria, intitulada “recursos de oralidade”.

Para atingir os objetivos aqui propostos, esta dissertação está organizada em cinco capítulos, contados a partir desta introdução. No segundo capítulo, a Fundamentação Teórica, apresentamos a base teórica para a técnica da Retextualização fundamentada em Marcuschi (2008), Dell’Isola (2007), entre outros autores. Em seguida, abordamos a entrevista sob dois aspectos: a entrevista como

um gênero textual e a entrevista linguística e, finalmente, abordamos a origem dos sinais de pontuação e a relação entre os sinais e a multimodalidade.

No terceiro capítulo, tratamos sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, tais como: o tipo da pesquisa, os participantes envolvidos, o universo em que aconteceu o trabalho, a sequência didática utilizada e as categorias que orientaram a análise. No quarto capítulo, apresentamos, finalmente, a análise de acordo com as categorias selecionadas especificadas acima. Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa realizada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico que serviu de base para a nossa pesquisa. Tal referencial se baseia inicialmente na prática da retextualização, seguido de algumas definições desse termo defendidos inicialmente por Marcuschi(2008), Dell'Isola(2007), Matêncio(2003) e Travaglia(2003). Dos pesquisadores acima, iremos nos deter principalmente nos estudos de Marcuschi, por ser o autor que mais explora a retextualização da fala para escrita, a qual foi a base do nosso trabalho.

Além de Marcuschi, nosso trabalho tem ainda uma grande influência de Dell'Isola, pois concordamos quando a autora diz que as operações envolvidas no processo de retextualização permitem ao indivíduo refletir sobre a produção textual, propiciando uma participação ativa na atividade de comunicação. Tais operações, ainda conforme a autora, evidenciam como a linguagem funciona socialmente (DELL'ISOLA, 2007, p. 10). No entanto, Dell'Isola se deteve mais na retextualização de gêneros escritos.

Além das definições e das operações, apresentamos também a Retextualização como um recurso didático para a escrita uma vez que permite aos estudantes usar a língua de uma forma mais reflexiva, competente e, até mesmo, criativa. Fechando a parte sobre retextualização, falaremos sobre a transformação da entrevista oral para a entrevista escrita, o gênero textual escolhido para realizar nossa pesquisa.

Seguindo no nosso referencial teórico, trataremos sobre a entrevista sob dois aspectos: a caracterização da entrevista como um gênero textual e da entrevista linguística de acordo com os estudos de Bazerman(2005), Fávero e Aquino (1997) e Seidman(1991).

Finalmente, abordaremos os sinais de pontuação: sua origem, função e atualmente, seu aspecto multimodal segundo os estudos de Villela(2003), Villela(2005), Charaudeau e Maingueneau(2004), Halliday(1989), Lukeman(2011), Squarisi(2014), entre outros.

2.1 A PRÁTICA DA RETEXTUALIZAÇÃO: DEFINIÇÃO E OPERAÇÕES

Os princípios teórico-metodológicos que defendem o uso da retextualização como uma importante prática para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa são expostos principalmente por Marcuschi, que define o termo como um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita(MARCUSCHI, 2008, p.46). Retextualizar é, então, a passagem de uma ordem para a outra, podendo acontecer de quatro maneiras: da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a escrita e da escrita para a fala.

Além de Marcuschi, outros pesquisadores também têm estudado sobre as atividades de retextualização. Dentre eles citaremos o trabalho de Dell'Isola(2007, p. 36), que, tomando por base a concepção marcuschiana, defende retextualização como:

[u]m processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidencia uma série de aspectos da relação entre oralidade – escrita, escrita – escrita, escrita – oralidade. Retextualização é a refacção ou reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem.

Dell'Isola(2007, p. 10) destaca ainda, a compreensão sócio-pragmática do texto possibilitada pela atividade de retextualização. Para a autora, “trata-se de uma transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem”.

Para Travaglia(2003, p. 63), traduzir é retextualizar:

Todos os elementos que conferem textualidade a um texto e que foram anteriormente acionados pelo tradutor do texto original, com a diferença de que, manejando uma outra língua, o tradutor estará de certa forma manejando outros elementos, ou até os mesmos elementos em perspectivas diferentes.

Citamos também Matêncio(2003, p.3-4) para quem retextualização é

[a] produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias lingüísticas-textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em

vista uma nova situação de interação, portanto, um novo enquadre e um novo quadro de referências.

Como afirmado anteriormente, voltamos para Marcuschi (2008, p.46), quando afirma que retextualizar é um processo que envolve operações complexas. Esse autor indica, então, nove operações para se trabalhar a Retextualização que estão divididas em dois processos: o processo de compreensão, que contempla as operações de inferência, inversão e eliminação, e o processo de reformulação, que contempla as operações de acréscimo, substituição e reordenação.

Apesar do referido autor ter se detido apenas na retextualização da fala para a escrita, as nove operações indicadas por ele para se trabalhar a retextualização também podem ser aplicadas usando outras modalidades. Para um melhor entendimento, as nove operações são as seguintes: na primeira operação, ocorre a eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras que, segundo Marcuschi (2008, p.77), somam geralmente cerca de 10% a 20% do material fônico eliminado, dependendo do gênero textual.

Na segunda operação, há a introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas, seguindo, nesta primeira, tentativa a sugestão da prosódia¹. Conforme Santos, Cabrera e Góes (2008), “[...] entendemos que, o uso da segunda operação vai requerer uma interpretação do que foi lido, impulsionando, dessa forma, uma pontuação intuitiva depende fortemente da intenção entoacional de quem está escrevendo o texto”.

Na terceira operação, temos as retiradas de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases, ou seja, falar com outras palavras aquilo que foi dito anteriormente e pronomes egóticos. A quarta operação caracteriza-se pela introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos, porém, vale ressaltar que, aplicando a pontuação e a paragrafação, tem-se uma proximidade maior com o texto escrito.

Chegando na quinta operação, temos a introdução de marcas metalinguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos². Conforme Santos, Cabrera e Góes (2008), os pronomes pessoais “mostram os participantes da comunicação “eu/tu”, os marcadores de espaço, como

¹Segundo o dicionário Houaiss (2009), prosódia “é a entoação de voz que revela intenção ou sentimento de quem fala; inflexão, entonação”.

²Dêiticos são elementos linguísticos cuja função é localizar o fato no tempo e espaço sem defini-lo. Citamos como exemplos de dêiticos alguns pronomes demonstrativos, pronomes pessoais e alguns advérbios.

os advérbios de lugar e os pronomes demonstrativos(aqui, lá, este, esse) são considerados dêiticos”.

Seguindo para a sexta operação, fazemos a reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, encadeamentos, ou seja, nessa operação é feita a reordenação sintática com a produção de enunciados mais objetivos. Na sétima operação, acontece o tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas. Ressaltamos que, nesta operação, é necessário que tenhamos um bom domínio do texto escrito, para que não haja grande perda do conteúdo semântico.

A oitava operação é marcada pela reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa e, finalmente, na nona operação, fazemos os agrupamentos de argumentos condensando as ideias. É importante ressaltar que, para aplicar essas operações nas retextualizações, podemos iniciar com qualquer uma delas porque não há uma ordem hierárquica ou sequenciada entre elas, embora possa se dar nesse sentido.

Por fim, é importante destacar que, para Marcuschi(2008) e Dell'Isola(2007), a condição primeira para uma boa retextualização é a compreensão, ou seja, é preciso antes de qualquer coisa entender o que foi dito, o que foi escrito. Em outras palavras, para realizar uma boa retextualização, temos que antes de tudo, ler e entender o texto. Assim, nesta pesquisa, trabalharemos especificamente com a retextualização partindo da entrevista oral para a entrevista escrita.

2.2 RETEXTUALIZAÇÃO: UM RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA ESCRITA

O trabalho de Produção Textual na escola tem exigido novas alternativas que permitam o uso da língua em situações reais, adotando o texto como unidade básica de ensino e utilizando os diversos gêneros textuais de acordo com as referências curriculares nacionais para o ensino de Línguas defendidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Dessa forma, a busca de modos que auxiliem a produção textual de uma forma interativa, motivadora e mais próxima da realidade do aprendiz nos levou a

escolher a Retextualização, tendo em vista que ela se apresenta como uma técnica promissora no trabalho com produção textual e gêneros em sala de aula.

O processo de retextualização pode ser um excelente recurso para o trabalho com os diversos textos em atividades de linguagem no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que ela vem preencher essa exigência de dinamicidade do uso da língua, exercitar a escrita de diferentes gêneros, a reformulação de discurso, entre outros.

Considerando que a base para iniciar uma retextualização é ter compreendido um texto base, há a garantia de que o aluno leu e compreendeu esse texto para, em seguida, produzir outro mantendo o conteúdo do texto inicial. Sendo assim, durante esse processo, é preciso ler, refletir, reescrever em outro gênero textual e, dependendo da proposta, escrever novamente.

Desenvolver habilidades de reprodução de textos é criar condições para que o aluno desenvolva sua competência escrita e comunicativa, sua capacidade de usar a língua de forma variada e adequada ao contexto. Como afirma Marcuschi(2008), a retextualização está presente no cotidiano, dentre as mais diversas atividades como as anotações que se faz numa aula ou uma pessoa contando uma notícia por exemplo. Praticar isso na sala de aula é usar a língua numa situação real de produção.

Por outro lado, o momento de reescrita de um texto é ainda algo raro na escola, mas que precisa ser cultivado porque é indiscutivelmente, uma forma de lapidar, melhorar o que foi escrito. Repensar a melhor maneira de dizer algo, afinal nenhum texto fica pronto logo da primeira vez e nenhum texto está definitivamente acabado. Reescrever requer um leque de conhecimentos como: adequação do discurso e de gênero, mudança de tempo verbal, adequação da pontuação, entre outros.

Sobre o uso da atividade de reescrita na escola, concordamos com Dell`Isola quando afirma que

Não são muitas as diretrizes voltadas para a condução de atividades que levem à transposição de um texto a outro. Como exigir dos professores o trabalho com a retextualização, sem estabelecermos parâmetros que os orientem a conduzir atividades dessa natureza? (DELL`ISOLA, 2011, p. 2)

Além disso, propor atividades de retextualização a partir de gêneros textuais significa dar um adeus àquelas propostas de redação de “texto sem

contexto”, sem nenhuma motivação por parte do aluno, ou ainda simplesmente propor os temas sugeridos no livro didático que muitas vezes não condizem com a realidade do estudante.

Nesse aspecto, é importante registrarmos que alguns livros didáticos atuais, ainda que de forma modesta e sem necessariamente usar essa nomenclatura, já propõem atividades de produção de texto usando como técnica a retextualização, embora na maioria dessas atividades seja observado que o foco é somente praticar a estrutura de um determinado gênero, deixando de lado elementos como contexto social de produção e os interlocutores.

Voltando, às contribuições da retextualização, podemos ainda afirmar que ela desconstrói a noção que temos de texto como um produto acabado, ela nos permite perceber que texto é um processo que é produzido segundo as condições de produção, os interlocutores, a adequação da linguagem de acordo com as características do gênero, em um determinado momento. Assim, a escola deveria adotar esse trabalho de escrita como processo: escrever e reescrever.

Acreditamos que há um papel fundamental a ser cumprido pelos professores em geral, não só o professor de Língua Portuguesa, que é exatamente criar oportunidades de atividades que contemplem uma prática efetiva de produção escrita. Escrever é o que mais o aluno faz em sala de aula, interessa-nos agora uma prática de escrita efetiva, capaz de dar conta das demandas sociais requeridas atualmente. Para isso, acreditamos que a atividade de retextualização se mostraria satisfatória para atender às novas exigências da linguagem e seus usos.

Enfim, à luz dessas considerações, entendemos que ensinar a produzir textos é uma forma de inserir o aprendiz nas práticas sociais de uso da língua, é ainda possibilitar a ampliação de sua competência discursiva. Logo, escrever não é só uma prova de domínio gramatical que serve para corrigir erros, mas, sim, uma forma de capacitar o estudante a se expressar, adequando a linguagem em diversas situações, de acordo com as palavras do linguísta português Joaquim Fonseca (1984,*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 54) que assim se expressa:

[...] usar melhor a língua não apenas como aperfeiçoamento do domínio de estruturas, de correção gramatical, mas também, e, sobretudo, como obtenção de sucesso na adequação do ato verbal às situações de comunicação.

Por fim, concordamos que é mais significativo para o educando, um ensino de Língua Portuguesa mais próximo do contexto real de produção como defendido na citação acima e tendo como base os gêneros textuais, uma vez que a língua se materializa em gêneros. Assim, escolhemos nesta pesquisa a entrevista, um gênero textual presente todos os dias na mídia e por isso, bem próxima da realidade de nossos alunos.

Assim, na seção seguinte, apresentaremos com mais detalhes algumas considerações sobre a transformação textual da entrevista oral para a entrevista escrita, propondo a metodologia desse tipo de retextualização para o ensino de produção textual.

2.3 DA ENTREVISTA ORAL PARA A ENTREVISTA ESCRITA: UMA PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO

Propor atividades de retextualização é antes de tudo propor um trabalho com gêneros e entender a língua como uma atividade social, heterogênea, variável, instável e que está sempre em reconstrução e desconstrução. Para cada gênero, há uma forma de escrita, de adequação da linguagem, uma pontuação predominante, enfim, a linguagem deve ser adequada dependendo do propósito comunicativo, do contexto e das condições de produção.

A retextualização, como o próprio nome indica, consiste numa nova textualização, ou seja, um processo de transformação de um texto base em outro texto, mas mantendo o conteúdo do primeiro texto. Podemos fazer esse procedimento entre textos escritos, orais, ou de textos orais para textos escritos e de textos escritos para textos orais. Iremos nos deter, então, especificamente na retextualização de um texto oral para um texto escrito dentro de um mesmo gênero, como é o caso da entrevista oral para a escrita.

Sendo assim, torna-se necessário ter clareza das condições de funcionamento do novo texto, pois isso permitirá ao retextualizador planejar a sua escrita em função do propósito discursivo, do interlocutor e do circuito comunicativo previsto para o texto. Isso se aplica ao que Bazerman (2005) afirma. Segundo esse autor, as produções partem de um propósito comunicativo e, como consequência, o produtor deverá ter domínio de um conjunto de competências e habilidades como, por exemplo, as escolhas linguísticas mais adequadas ao gênero em questão.

Conscientes das condições de funcionamento de cada texto, gostaríamos de destacar a entrevista como um gênero que se situa no *continuum* oralidade/escrita. Portanto, no processo de retextualização, oralidade e escrita podem interagir como duas práticas codependentes. Ao passar uma entrevista oral para uma entrevista escrita, pressupomos, baseado nas operações indicadas por Marcuschi (2008), que haja alterações sintáticas, lexicais, introdução da pontuação e paragrafação.

Dessa forma, a passagem de um texto oral para um texto escrito exigirá uma redução de linguagem porque serão eliminados elementos típicos da língua oral como, por exemplo: redundâncias, truncamentos, autocorreção e hesitações. Como exigência do texto escrito, podem aparecer também os parágrafos e, obrigatoriamente, a pontuação adequada. Essas mudanças caracterizam a primeira, a segunda e a quarta operação indicadas por Marcuschi(2008).

Ainda nessa mudança de texto oral para texto escrito, especificamente a entrevista oral para a entrevista escrita, poderá haver também as substituições lexicais, geralmente, para evitar a repetição de palavras, garantir a clareza do texto e possivelmente, devido a uma preocupação estilística, usamos as substituições. Esse procedimento de substituição corresponde à terceira operação de retextualização, de acordo com a classificação de Marcuschi (2008).

Por fim, destacamos ainda um procedimento frequente, mas que depende do nível da retextualização de um texto: a reordenação informacional e a reordenação sintática. Isso permite que o retextualizador mexa no texto sem, contudo, mexer no conteúdo do texto. Isso exige do retextualizador um domínio maior em saber encaixar as palavras dentro de uma frase, usar a ordem direta ou inversa, empregar pronomes e conectivos, simplificar frases, entre outros.

2.3.1 A entrevista sob dois aspectos

No presente trabalho, usamos a entrevista com dois propósitos, a saber: a entrevista como gênero textual, pois, para formular as perguntas aplicadas aos entrevistados e para realizar a atividade de retextualização proposta, tivemos que conhecer a estrutura desse gênero. Contudo, trabalhamos também a entrevista como um instrumento de pesquisa na área da Linguística, porque, a partir dela, foram

extraídos os dados e foi selecionado o *corpus* que serviu para a análise no presente trabalho. Vejamos, então, separadamente, esses dois aspectos da entrevista:

2.3.1.1O gênero entrevista

Segundo Fávero e Aquino, a entrevista é um texto genericamente oral e um tipo de elocução formal, construída com a participação de dois ou mais locutores – entrevistador e entrevistados – reunidos em uma interação, através de um tema, caracterizado por traços de dialogicidade, interação e planejamento local(FÁVERO; AQUINO, 1997). Quanto a sua estrutura, observamos que esse gênero textual é caracterizado, salvo algumas exceções, sempre de uma pessoa que estabelece o tópico através de uma pergunta(o entrevistador) e outra pessoa que responde ao tópico proposto(o entrevistado).

Apesar das diversas formas nas quais se realizam as entrevistas, sempre irá permanecer uma estrutura mínima que identifica esse gênero. Assim, sua estrutura será sempre caracterizada por perguntas e respostas, envolvendo pelo menos dois indivíduos- o entrevistador e o entrevistado. O papel exercido pelo entrevistador caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, suscitar a palavra ao outro, incitar a transmissão de informações, introduzir novos assuntos, orientar e reorientar a interação.O entrevistado, por sua vez, responde e fornece as informações pedidas.

O que vai mudar é o propósito, por isso há diferentes tipos de entrevistas, como é o caso de entrevistas médicas, judiciais, para coletar de dados, entre outras, mas todas com uma estrutura mínima que as unifica como parte deste gênero. Adotar a entrevista especificamente em sala de aula é um trabalho que garante a intercomunicação oral, a reprodução fiel de discursos de terceiros, transcrição de falas, enfim, produção oral e escrita. É importante também destacar a importância desse gênero como um instrumento para a interação e, por conseguinte, uma experiência real de um ato de linguagem situado e datado, proporcionando novos aprendizados, crescimento linguístico e comunicacional.

Para concluir, entendemos que o gênero entrevista oferece ao entrevistado a possibilidade de ouvir a si mesmo, o que, conseqüentemente o leva a uma autorreflexão sobre os usos que os envolvidos no evento comunicativo estão fazendo da sua língua materna, denunciando traços como a repetição de

vocabulário, o uso de gírias, a pronúncia peculiar de certos termos e a adequação ao evento comunicativo, o que concorda com o que Bazerman (2005, p. 30) escreve: “gêneros são tão somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos os outros”.

Enfim, a utilização do gênero dentro de um determinado contexto em que os sujeitos estão inseridos originalmente proporciona momentos interativos reais, sendo um modo relevante de introduzi-los a todos os aspectos necessários para sua utilização na comunicação diária com eficiência.

2.3.1.2 A entrevista linguística

Abriremos um espaço para falarmos sobre a entrevista, não como um gênero textual, mas sim, como uma ferramenta de coleta de dados usada nas pesquisas, sobretudo, na área de Linguística. Como na presente pesquisa utilizamos a entrevista não só como gênero textual ensinado em sala de aula, torna-se conveniente mostrarmos que ela pode ser também um instrumento usado por alguns pesquisadores.

Dessa forma, uma pesquisa só existe se houver dados. Estes serão posteriormente selecionados, formando, então, o corpus de uma pesquisa. No campo da Linguística, uma maneira muito utilizada para realizar esse procedimento é através da entrevista, especialmente na pesquisa qualitativa, em que esse método é muito requisitado. De caráter único e exclusivo, pode-se tentar repeti-la, mantendo a temática, os entrevistados ou os mesmos objetivos de investigação, mas nunca seremos capazes de reproduzi-la nas mesmas condições do contexto inicial/original.

Na sua essência e em linhas gerais, a entrevista linguística deve conter uma “amostra” do modo natural e despreocupado do uso da língua de uma comunidade a fim de ser analisada dependendo do objetivo da pesquisa. Destacamos o termo “amostra”, uma vez que, por mais que tenha sido feita com sucesso e que embora todas as etapas de sua realização tenha sido cumpridas criteriosamente, ainda assim, não significa que esse método seja capaz de representar a complexidade do vernáculo de uma comunidade plenamente.

Basta lembrarmos que, no momento da fala, formulamos e reformulamos constantemente nossos enunciados de acordo com a situação comunicativa em que nos encontramos: se falamos com crianças, com amigos ou com pessoas

desconhecidas, se estamos em uma consulta médica ou em uma festa, por exemplo. No ato da entrevista, por mais descontraída que seja, o entrevistado sabe que está sendo observado e sua conversa está sendo gravada, procurando, assim, adequar sua fala adotando uma postura que julga ser a mais aceita nessas circunstâncias.

Dessa forma, a entrevista linguística não reproduz fielmente a fala natural dos participantes, embora seja esse o propósito do pesquisador/entrevistador: coletar a fala o mais natural possível. Na verdade, ele está coletando um recorte da fala através de apenas um gênero textual da modalidade falada da língua e que não podemos interpretar como a própria fala. Da mesma forma, também entendemos que um único gênero também não consegue representar a modalidade escrita da língua.

Geralmente, ao adotar a entrevista, o pesquisador faz contato com os participantes, entrevista-os e transcreve os dados, para, então, trabalhar com o material selecionado. É um trabalho intensivo, toma muitas horas e se deve ter o cuidado para que as palavras dos participantes não sejam utilizadas de maneira descontextualizada. É importante registrar o riso, as pausas, o silêncio, os gestos corporais, enfim, a linguagem não verbal, pois são fatos significativos no contexto do discurso.

Enquanto gênero textual oral, a entrevista linguística consiste em um texto produzido para fins científicos de coleta de dados. Difere dos outros tipos de entrevista principalmente pelo fato de o pesquisador/entrevistador tentar criar um ambiente de descontração a ponto de o entrevistado esquecer que sua conversa está sendo gravada e conduza sua fala o mais natural possível. Sua preparação se dá muito tempo antes do início das gravações, pois são essenciais alguns procedimentos prévios.

Esses procedimentos vão desde a escolha dos informantes, se eles são membros natos da comunidade a ser pesquisada ou não, até o tempo mínimo e as condições de gravação, entre elas, a escolha de um local conveniente e a descrição do aparelho de gravação. O entrevistador não está interessado no que o informante dirá e, sim, no modo como dirá, sendo muito importante a não interferência durante a fala do entrevistado, nem com afirmações e nem com reprovações.

Ao invés de interromper a fala do entrevistado, o pesquisador deve anotar a palavra-chave para retomar a conversa posteriormente e, dessa forma, não

prejudicar a sequência argumentativa do participante. Seidman(1991) recomenda ao entrevistador o seguinte exercício: transcrever textualmente cinco minutos de uma entrevista realizada. Segundo Seidman(1991), “esse exercício mostra claramente a ação do entrevistador, que na maioria das vezes tende a dizer um ‘uh, uh’, ‘huh’, ou ainda, ‘aprovado’, ou ‘sim’”. Isso, muitas vezes é feito pelo entrevistador de forma inconsciente e pode distorcer as respostas dos participantes.

Por outro lado, não devemos perder de vista a finalidade e o foco da entrevista, redirecionando a conversa quando achar conveniente. O entrevistador deve iniciar suas perguntas de forma ampla e, acima de tudo, escutar ativamente o entrevistado, auxiliá-lo quando necessário de modo a promover o bom andamento da entrevista.

Enfim, há quem afirme que entrevistar é uma arte, mas isso implica afirmar também que ou se é bom nessa arte ou não. Acreditamos e defendemos, segundo nossas leituras sobre esse método de pesquisa, que o planejamento, a organização e o domínio de técnicas garantem uma boa entrevista para se alcançar objetivos satisfatórios nas pesquisas realizadas.

Dessa forma, após essas considerações acerca da entrevista, passaremos para outro ponto pertinente na presente pesquisa que são os sinais de pontuação. Assim, iniciaremos esse assunto com um resumo sobre a origem desses sinais, ressaltando sua importância dentro do texto para uma melhor compreensão da mensagem pretendida.

2.4 UM POUCO DA ORIGEM DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

A introdução dos sinais de pontuação na escrita foi um processo lento e parcelado, aparecendo um por um aos poucos na escrita. Vilella(2005, p. 185), ao se referir sobre a evolução desses sinais, afirma que, no princípio, a escrita grega era uma fileira de letras sem espaços e sem sinais gráficos. Rocha (1997), defende ainda que, já mais evoluídos, os gregos adotaram uma referência a um sistema de pontos, o qual cumpria duas funções básicas: uma semântica, respondendo a níveis de completude dos enunciados, e outra prosódica, respondendo à necessidade de respirar.

De acordo com esse sistema, um ponto no alto representava um enunciado completo, um ponto embaixo representava um enunciado incompleto e,

finalmente, um ponto no meio indicava a necessidade de respirar durante a leitura. Os latinos ou romanos também copiaram esse sistema de pontos dos gregos associado ao uso da diástole, um tipo de vírgula que indicava separação ou disjunção, também utilizado pelos gregos. Uma diferença significativa relacionada à pontuação dos romanos, é que eles usavam dois tipos de leitura: a oral e a silenciosa.

Ainda citando Rocha (1997), as marcas de pontuação usadas pelos povos da Antiguidade estavam preferencialmente ligadas ao aspecto rítmico da linguagem e às pausas respiratórias da fala. É importante ressaltar também que cabia ao leitor ou orador do texto a tarefa de pontuar o texto quando estava lendo. Durante os séculos, surgiram inovações até se chegar à forma de escrita atual. Assim, começou então a padronizar-se a direção da linha escrita - os gregos adotaram uma sucessão da esquerda para a direita e os fenícios optaram pela sucessão inversa.

Foram introduzidos os espaços entre as palavras, o ponto para marcar o final das sentenças, a distinção entre as letras maiúsculas e minúsculas, foram introduzidos também símbolos especiais para indicar ligações (hífen), intercalações e omissões (parênteses). Surgiram, também, outras marcas de pontuação mais detalhadas (vírgula, dois-pontos, ponto-e-vírgula e travessão) e houve a introdução de símbolos especiais: marcas de citação, interrogação e exclamação. Essa ampliação dos sinais de pontuação deu-se na Idade Média (SILVA, 2003).

Um fato interessante, é que os gregos ainda não conheciam a leitura silenciosa e as primeiras marcas de pontuação foram incorporadas aos textos apenas para uma finalidade retórica, isto é, de oralidade. Os oradores gregos se apegaram a esses recursos diante da necessidade de mostrar onde deveriam fazer pausas breves ou longas, elevar a voz e fazer entonações durante a explanação de seus discursos. A partir de então teve origem a primeira pontuação. Esse conjunto de sinais foi incrementado pelos povos romanos e medievais, e eram usados para indicar aspectos estruturais dos textos, e não os associavam às pausas respiratórias.

Todos esses fatos estruturais provocaram o desenvolvimento da leitura silenciosa que se transformou até chegar em uma pontuação que exprime informações estruturais que é a nossa pontuação atualmente. Para Villela (2005, p. 185), “a história da pontuação no mundo ocidental revela uma lenta conquista”. Tomando o sânscrito como base, esse autor destaca três estágios dessa história: no

primeiro, as palavras eram ligadas umas às outras, os vocábulos eram separados por um ponto colocado na linha, no meio ou acima do final da palavra, até que em lugar desse ponto aparecesse o espaço branco como temos hoje separando as palavras.

No segundo momento, ainda de acordo com Villela(2005), foi usado novamente o “ponto em altura variável” para separar o que consideramos hoje de parágrafo. Por fim, o último estágio “é o dos gramáticos, filólogos, glosadores alexandrinos que principiaram a intercalar signos de pausa respiratória, numa aproximação do débito declamatório do texto, se lido [...]”.Conforme Villela(2005, p. 185), “o ponto (*colon*) foi o primeiro sinal a ser usado e era empregado em cima, no meio e no fim da linha. Mais tarde, apareceu a vírgula (*comma*), que indicava a mesma pausa, mas com menor intensidade, inclusive no final da linha. Depois, surgiram os dois-pontos e o ponto-e-vírgula”.

No entanto, foi nos séculos XIV e XVII que apareceu a maioria dos sinais que conhecemos hoje. Outro fato importante foi o surgimento da imprensa, considerado o principal responsável pela evolução e popularização da pontuação, além de ter contribuído também para a padronização da escrita. Foi a partir desse fato que, as marcações dos sinais de pontuação, voltaram-se para o leitor e não para quem escrevia. Essa nova perspectiva facilitou muito a compreensão dos textos.

A afirmativa anterior indica uma das funções principais dos sinais de pontuação ainda hoje que é facilitar a compreensão do leitor. Geralmente, os sinais de pontuação são compreendidos como recursos gráficos próprio da linguagem escrita que tentam reproduzir toda a riqueza prosódica da língua oral. Assim, canonicamente, podemos destacar três funções básicas dos sinais de pontuação desde sua origem até hoje, são elas: indicar as pausas e a entonação na leitura, separar palavras, expressões e orações, facilitar a compreensão do que foi escrito.

Afastando-se mais dessa perspectiva clássica, há autores a exemplo de Lukeman(2011), que vem publicando trabalhos sobre os sinais de pontuação numa perspectiva literária, voltada para os escritores e como a pontuação pode ajudá-los a causar o impacto pretendido em suas obras, envolvendo assim, os leitores mais competentes, capazes de perceber a carga artística que esses sinais causam no enredo de uma ficção.

Com o desenvolvimento tecnológico, especialmente a internet, podemos perceber atualmente que os sinais de pontuação evoluíram para uma outra função: a de sozinhos, sem auxílio de letras, comunicarem uma mensagem, como é o caso dos *emoticons* tão usados nos bate – papos virtuais, através do computador ou celular. Muitos trabalhos publicados nos mostram, entre eles citamos o de Squarisi(2014), usado neste referencial teórico, que realmente precisamos de um letramento para escrevermos na internet.

Finalmente, aproximando-se mais do objetivo desta pesquisa, nos voltamos para outro aspecto dos sinais de pontuação, em que eles são vistos como convenções sociais culturalmente dependentes, e constantemente criados e recriados nas interações sociais(DESCARDECI,2002, p.20). Nesse novo olhar sobre os sinais de pontuação, nos voltamos para a multimodalidade e nossa principal referência usada na análise proposta neste trabalho é a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday(1989). Sobre isso, iremos nos deter na próxima seção.

2.4.1 Os sinais de pontuação e a multimodalidade

Vimos na seção anterior, que o uso da pontuação estava atrelado a aspectos da oralização e da semântica e, mais tarde, ao aspecto gramatical. Atualmente, além desses aspectos, os sinais de pontuação adquiriram uma outra conotação. Mesmo em textos ou agrupados, eles indicam uma vasta gama de mensagens. Estamos falando do aspecto multimodal dos sinais de pontuação e um exemplo disso, é o uso atual de ícones emocionais usados nos chats na internet transmitir mensagens rápidas.

Há toda uma nomenclatura para se escrever na internet, precisamos, na verdade, de um letramento para nos comunicarmos de acordo com as regras dos internautas. Os sinais de pontuação “esnobam” palavras e frases no ambiente virtual, longe do sentido que historicamente estão atrelados, sendo usados num sentido totalmente não convencional. São desenhos que combinam sinais de pontuação, letras, números e outros caracteres para expressar, geralmente, gestos e expressão facial de sentimento, os chamados *emoticons*. Vejamos alguns:

Quadro 1: Exemplos de *emoticons*.

:) =) :]	:>	:(=(=[	;) ;D
sorrindo	sorriso moleque	triste	piscadela
<)	:] =]	o-o	:-)(-:
sorriso tranquilo	sorriso simples ou sem graça	usando óculos	beijo sorridente
:D =D	^^		:'(:,(
sorriso grande ou risada	sobrancelha levantada, saliente		chorando
:O =O	:S =S	:* =*	:# >=[
surpreso	confuso	beijinho	raiva

Fonte: Squarisi (2014, p. 30).

Por outro lado, sabemos que a definição de texto ampliou-se, a fala atualmente também é considerada um texto, “digno” de ser estudado e, por sua vez, os sinais de pontuação também são vistos sob outro olhar quando usado na escrita convencional. Pontuar um texto, atualmente, não é apenas uma característica semântica, gramatical ou para indicar pausas na leitura, é também uma característica multimodal.

A multimodalidade nos mostra, mais do que nunca, que o texto atual, independente do gênero, é composto de uma parte verbal e outra não verbal, ou apenas não verbal. Nos textos escritos, por exemplo, além das letras, há também os recursos não verbais que fazem parte do texto e têm toda uma significação, um porquê de estar ali. Vários autores colocam em evidência esse aspecto multimodal das marcas tipográficas presentes nos textos escritos. De acordo Dionísio (2011, p.139),

[t]odos os gêneros textuais orais e escritos são multimodais já que utilizam outros recursos além da palavra escrita para a transmissão de uma mensagem. Utilizamos, por exemplo, os sinais de pontuação no caso dos textos escritos e organizamos o texto em diferentes estruturas de acordo com o gênero que for utilizado.

Reforçando a afirmativa de que o texto oral ou escrito sempre vem acompanhado de outros recursos, Descardecí (2002, p. 20-21) defende que

[q]ualquer que seja o texto, ele é multimodal, isto é, composto por mais de um modo de representação. Em uma página, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página(layout), a cor(ou cores) das letras, a formatação do parágrafo, etc. interferem na mensagem a ser comunicada. Decorre desse postulado teórico que nenhum sinal ou código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem.

Ainda concordando com essa premissa, citamos Pontes (2008, p. 29) que considerar o texto lexicográfico como multimodal, isto é, composto por mais de um modo semiótico, destacando, dentre esses modos semióticos, os sinais de pontuação:

No seu interior, cada paradigma é identificado por tipos, cores e tamanhos de letra diversos, indicados, ainda, por símbolos e sinais igualmente diversos, ou seja, os diferentes tipos de letras, combinados por vezes com cores e tamanhos variados, constituem um recurso muito utilizado para diferenciar as diversas informações. Mas, além disso, símbolos, assim como sinais de pontuação, são utilizados para auxiliar o leitor na busca das informações.

Diante disso, atentamos para o fato de que o texto escrito contemporâneo faz uso não só de palavras, mas de outros recursos para repassar uma mensagem. Exemplo disso são os sinais de pontuação, o parágrafo, os espaços em branco que delimitam um conjunto de letras, o negrito, o itálico, o tamanho e o tipo da fonte, além, é claro, do significado próprio das palavras inscritas sobre um dado suporte (papel ou tela de computador).

O parágrafo, por exemplo, informa ao leitor que todo aquele bloco de texto trata de um assunto comum e os espaços em branco informam o limite entre as palavras ou significantes. O negrito e o itálico são utilizados como recurso para atrair a atenção do leitor para alguma informação relevante. O tamanho e o tipo da fonte são usados para diferenciar títulos, subtítulos e legendas do restante do texto em uma página impressa. Isso equivale a afirmar que texto algum concentra seu sentido apenas no seu aspecto verbal. Assim, não são apenas as palavras ditas ou escritas que geram o sentido de um texto.

Segundo os princípios da Semiótica Social, a língua, oral ou escrita, sempre aparece de forma multimodal, agregando mais de uma complexa intercalação de escrita, imagens e/ou outro elemento (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Daí, a importância de se deter nesses elementos não verbais, destacando aqui os sinais de pontuação e as marcas tipográficas presentes nos textos. Além de servirem como organizadores, recursos coesivos e sintáticos, eles também trazem

todo um valor semântico, sendo responsáveis pelas relações de sentido estabelecidas entre as informações presentes no interior de um texto.

Por fim, compreendemos que os recursos não verbais, em especial, os sinais de pontuação, o tipo de fonte, a paragrafação, entre tantos, permitem compor o todo da mensagem e das intenções do que o autor quis transmitir para o leitor. Neste trabalho, analisaremos esses aspectos não verbais presentes na retextualização do texto oral para o texto escrito.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, pretendemos informar os passos metodológicos, descrevendo como se deu, passo a passo, a constituição do corpus desta pesquisa. Ele está dividido em quatro subseções. Na subseção 3.1, apresentamos o tipo de pesquisa realizada, fundamentados nos estudos de Cavalcantie Lopes(1990), de Gonsalves(2001) e de Flick(1989).

O contexto da pesquisa está exposto na subseção 3.2, os sujeitos participantes estão descritos na subseção3.3 e, finalmente, na subseção3.4 serão descritos o processo de coleta de dados e de formação do *corpus* da pesquisa, através do detalhamento de uma sequência didática inspirada nos estudos de Dolz e Schneuwly(2011).

A sequência didática apresentada nessa subseção é, pois, o passo metodológico que resultou na obtenção do *corpus* da pesquisa, ou seja, os textos retextualizados dos alunos que serão analisados. A proposta foi trabalhar com o gênero textual entrevista, fazendo a retextualização da entrevista oral para a entrevista escrita.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Baseados nos estudos de Gonsalves (2001), a presente pesquisa pode ser classificada como predominantemente de cunho descritivo-qualitativo, uma vez que seus objetivos visam descrever as características de um objeto de estudo e busca, através das interpretações dadas ao *corpus* de análise, no nosso caso as retextualizações produzidas pelos alunos, compreender as razões pelas quais os fatos que se deseja investigar acontecem, a maneira como os eventos em que esse fatos acontecem estão organizados e os significados que esses eventos possam ter para seus participantes.

A referida autora ainda afirma que esse tipo de pesquisa permite observar e descrever fenômenos, procurando compreendê-los e interpretá-los (GONSALVES, 2001, p. 66). Cavalcantie Lopes (1990, p. 44) defendem que fazer pesquisa nesta área é “identificar um problema na prática, estabelecer caminhos teóricos(geralmente interdisciplinares), coletar registros, analisá-los e voltar ao

problema identificado com implicações e/ou sugestões de encaminhamento.” Sendo assim, a afirmação da autora caracteriza, pois, nossa intenção.

Complementando esses conceitos já mencionados, citamos também Flick (1989) que faz uma diferença entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Segundo esse autor, a pesquisa quantitativa caracteriza-se por usar números, além de usar também modelos estatísticos para explicar os dados, sendo considerada uma pesquisa *hard*. Por outro lado, a pesquisa qualitativa evita números, trabalha com interpretação das realidades sociais e está interessada na perspectiva dos participantes, em suas práticas cotidianas, sendo considerada pesquisa *soft* (FLICK, 1989, p.16).

Os principais tipos e técnicas de coleta de dados, que a pesquisa qualitativa utiliza são: entrevistas, questionário, observação e observação indireta. A pesquisa qualitativa, atualmente, ocupa um lugar de destaque nas pesquisas acadêmicas, pois oferece possibilidades de estudar situações que envolvem seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes. Esse tipo de pesquisa ainda permite uma compreensão integrada do objeto de pesquisa permitindo, assim, uma melhor compreensão dentro do seu contexto.

2.2 PARTICIPANTES

Segundo Orecchioni (2006), o enfoque sociointeracionista, mais especificamente, a linha teórica da Análise da Conversação (AC), visa sua investigação não em frases soltas, abstratas, isoladas, mas em discursos atualizados e em situações comunicativas concretas. Segundo a autora, os ingredientes do contexto sociocomunicativo são: o lugar, sob o âmbito físico e institucional; o objetivo da interação e os participantes (número, características individuais, relações de conhecimento).

Com base nesses princípios, apresentaremos os sujeitos participantes desta pesquisa, uma vez que a produção e condução da fala fruto dessa interação é objeto de estudo deste trabalho. Nesse sentido, descreveremos primeiro o grupo de alunos responsáveis pela elaboração, aplicação, transcrição e retextualização das entrevistas e, em seguida, os entrevistados, sintetizando alguns dados profissionais dos mesmos.

3.2.1 Grupo de alunos

No intuito de alcançar nossos objetivos, foi lançado um convite para as turmas do 8º A, B, C e D da EEFM Aloysio Barros Leal localizada em Fortaleza-CE, para participarem de uma oficina de Produção Textual. Os encontros aconteceriam pela manhã, no contra turno da aula dos alunos. Dessa forma, foi composto um grupo de vinte alunos que se interessaram ou tinham disponibilidade para participar da oficina.

Os participantes, então, foram compostos por vinte adolescentes numa faixa etária entre doze e quinze anos assim distribuídos: três alunos com doze anos; nove, com treze anos; três, com quatorze; e cinco, já com quinze anos. Todos eles são provenientes da comunidade em que a escola está inserida que fica na área do grande Jangurussu em Fortaleza.

Como foi mencionado anteriormente, convidamos alunos das quatro turmas de oitavo ano da escola para participarem da oficina e, destes, os que se mostraram receptivos foram apenas os vinte alunos que formaram, então, os sujeitos do nosso trabalho.

A maioria desses alunos são leitores assíduos e usam a biblioteca da escola frequentemente, gostam de escrever, já tem seus autores preferidos e entre eles estão: Rick Riordan, J. K. Rowling e John Green e outros conhecidos na mídia atualmente. Apesar da maioria desses alunos gostar de ler, todos afirmaram que não têm o hábito de comprar livros, pegam na biblioteca ou pedem emprestado, às vezes, aos professores de Língua Portuguesa.

Sete participantes do grupo afirmaram não gostar de ler e nem de escrever redações, mas como gostavam de estar na escola, resolveram participar da oficina de produção textual. Cinco desses alunos revelaram que nunca leram um livro completo. Quatro alunos do grupo já estão repetindo o oitavo ano pela segunda vez, por isso, estão fora de faixa (quinze anos).

Além dos sujeitos da pesquisa, tivemos também a participação dos professores entrevistados, os quais iremos descrever na subseção seguinte. No total, foram dez professores de disciplinas diferentes que nos ajudaram a constituir o *corpus* da pesquisa. A seguir, iremos apresentá-los.

3.2.2 Entrevistados

A fim de não sairmos do universo da pesquisa, decidimos entrevistar alguns professores da própria escola, aqueles que se mostraram disponíveis quando os procuramos para marcar o dia e a hora da entrevista. Alguns não puderam colaborar devido às várias atividades que tinham. Inicialmente, procuramos professores que ministrassem aula no Ensino Fundamental, mas, devido às dificuldades de horário, tivemos dois professores que fugiram a essa regra (entrevistas VI e VII).

Dessa forma, nossos entrevistados são profissionais com experiência na educação entre cinco e dezoito anos, sendo que, entre esse grupo dos dez professores entrevistados, quatro não tiveram experiência na rede particular de ensino. Alguns deles ainda afirmaram que a sala de aula é um laboratório que se renova a cada dia e que as pesquisas na área de educação são mais eficazes quando realizadas no universo escolar, pois é ali que convivem os educadores e educandos.

3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2014 com um grupo de alunos do 8º ano A, B, C, D do Ensino Fundamental da Escola Aloysio Barros Leal. A referida escola oferece do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e está localizada no Conjunto João Paulo II, na área do grande Jangurussu.

Há alguns anos atrás, o Jangurussu era conhecido por ser o lugar onde havia um lixão, ou seja, o lixo de Fortaleza era jogado lá. Era um bairro extremamente pobre e os moradores eram, na sua maioria, catadores de lixo. A escola Aloysio Barros Leal, criada em 1986, foi uma das conquistas dos moradores, pois lá não havia onde seus filhos estudarem. Era uma escola pequena apenas com umas quatro salas de Fundamental.

Hoje, a escola tem onze salas de aula funcionando nos turnos manhã, tarde e noite, uma biblioteca e um laboratório de informática que também funcionam nos três turnos. Além disso, a escola conta com vários projetos como o “Mais

Educação”, que oferece esporte para os alunos (futebol e futsal), além de reforço na área de português e matemática e da banda de música.

O Projeto de Karatê, coordenado por um professor de língua portuguesa da própria escola, também merece destaque, pois tem contribuído para a disciplina de vários alunos, porque, além de ensinar a defesa pessoal, há também toda uma instrução sobre as regras do Karatê que envolvem respeito, humildade, fraternidade, entre outros.

Outro projeto importante na escola é o PIBID (Programa Instituição de Bolsas de Iniciação a Docência), em que alunos graduandos do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará têm uma experiência no ambiente escolar, em contato com os alunos, ministrando aula de leitura e interpretação textual, ajudando muito na disciplina de Língua Portuguesa.

Dessa forma, a oficina apresentada neste trabalho, que foi realizada nessa escola, foi mais uma ação que veio contribuir para o ensino ofertado por essa instituição escolar, especificamente no Ensino Fundamental.

2.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O termo “sequência didática” foi definido por Dolze e Schneuwly(2011) como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2011, p.82). Os mesmos autores ainda enfatizam que a sequência didática “tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar um gênero de texto”(2011, p.97).

Nesta pesquisa, ainda procuramos seguir a sugestão de Dolz e Schneuwly(2011) quanto à estrutura de uma sequência didática para uma metodologia de ensino de gêneros textuais que são: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Dessa forma, a primeira parte da sequência didática aplicada para a realização deste trabalho obedeceu às seguintes etapas:

Apresentação da situação: no primeiro encontro houve a exposição da proposta de trabalhar com a retextualização de um texto oral para um texto escrito. Foi ainda abordado o conceito de texto, gênero e, especificamente, o gênero entrevista, que pode ser oral ou escrito. Dessa forma, as duas primeiras aulas, de cinquenta minutos cada, foram usadas especialmente para explicar a proposta de

trabalho, discutir os conceitos acima mencionados, destacar a importância do texto oral e do texto escrito e, finalmente, quais as possíveis diferenças que ocorrem durante a passagem de um texto oral para um texto escrito, ou seja, que adequações deverão ser feitas.

Produção inicial: consideramos como produção inicial uma atividade em grupo a fim de elaborar perguntas para uma entrevista com professores ou outro membro da escola. Foi estabelecido pelo professor orientador que o conteúdo das entrevistas seria relacionado à profissão de cada entrevistado ou algo ligado à escola. Após cada grupo ter elaborado suas perguntas, houve a socialização e discussão sobre a pertinência das perguntas elaboradas.

Módulo I: neste encontro, houve as gravações das entrevistas com professores e outros membros da escola. Essa atividade foi feita em dupla e as entrevistas, em sua maioria, não foram longas, uma vez que foram gravadas usando um celular da marca Blu Smartphone Dash 4.0 Dualcore e outras vezes um gravador Sony ICD-PX312, ou seja, só contávamos com esses dois aparelhos disponíveis para as gravações.

Módulo II e III: o que chamamos de módulo II e III foi a atividade de transcrição das entrevistas. Essa atividade foi até certo ponto exaustiva porque foi necessário um minucioso e longo processo de escuta pelos alunos para ser, dessa forma, possível a transposição da modalidade oral para a modalidade escrita. Para facilitar o trabalho, dividimos o grupo em duplas e cada dupla ficou responsável pela transcrição de uma entrevista. Como eram dez entrevistas, cada grupo teve que transcrever somente uma entrevista.

O processo de transcrição é de fato uma etapa que leva um bom tempo para ser realizado, além de exigir muita atenção e dedicação. É um trabalho árduo que deve seguir algumas orientações importantes, levando em consideração a finalidade para se alcançar os objetivos propostos. Por exemplo, se a proposta é analisar a variação dialetal, deve-se marcar na transcrição a variação fonético-fonológica, mas se o objetivo é verificar as atividades extralinguísticas como auxílio para interação, deve-se anotar a ação dos participantes: gestos e olhares.

Segundo Marcuschi (2008), a transcrição da modalidade oral para a escrita é um processo complexo, já que a escrita busca outros recursos para expressar os conteúdos que a fala exprime pela sonoridade da expressão. Os sinais gráficos, a pontuação da escrita, os recursos não verbais, enfim, cumprem o papel

da entonação e dos gestos que os falantes utilizam para expressar seu discurso, no ato da fala.

O autor enfatiza ainda, que o texto falado possui certa ordem na sua estruturação e não apresenta problemas para a compreensão. No entanto, sua passagem para a escrita sofre modificações a depender da enunciação, da intenção, das condições e das consequências decorrentes dos objetivos propostos.

Ainda citando Marcuschi(2008), não existe uma receita para a transcrição “neutra”, “perfeita”, ou “pura”, pois toda transcrição já é uma primeira interpretação na perspectiva da escrita. A transcrição é falha porque adapta as peculiaridades da fala à da escrita. Essa adaptação, portanto, já se caracteriza como uma transformação. De acordo com Gago (2002, p. 2), a transcrição é uma atividade analítica plena:

[a transcrição] como uma representação, é sempre uma nova entidade, distinta do que de fato ocorreu (o encontro gravado), sujeita a problemas de representação geral. Considera-se que uma transcrição não é um produto final, acabado, perfeito [...].

Uma vez que depende da audição humana, por natureza imperfeita, cada nova audição poderá corresponder à nova representação dos fenômenos. (GAGO, 2002, p. 2)

Conforme Marcuschi:

Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais são seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados. (MARCUSCHI, 1991, p.9)

Por fim, destacamos o que defendem Flores e Silva (2005) quando afirmam que a transcrição deve aproximar-se ao máximo da fala original, elementos como alongamentos vocálicos e consonantais, pausas, hesitações, truncamentos e entonações precisam ser marcados.

Diante dessas considerações, na presente pesquisa, adotamos, para as transcrições, os símbolos da tabela abaixo retirados de Preti(2006) e seguimos as normas de transcrição do NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta).

Quadro 2: Normas para Transcrição - NURC.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh:: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do Transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós"...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D2.

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido no quadro.

Fonte: Preti (2006).

Assim, nessa etapa correspondente aos módulos II e III, foi necessário apresentar, explicar e praticar através de exemplos a tabela acima mencionada. Orientados pela tabela de símbolos e com as gravações das entrevistas, foi possível concluir as transcrições e, conseqüentemente, finalizar mais uma etapa da sequência didática.

A segunda parte da sequência didática aqui proposta foi a retextualização das transcrições feitas pelos alunos. É importante lembrarmos que, neste trabalho, o termo “retextualização” está sendo usado como o processo de transformação de um texto falado para um texto escrito. Aqui se fez necessário termos uma base teórica mais consistente, uma vez que passaríamos de uma entrevista oral para uma entrevista escrita. Para isso, seguimos as nove operações indicadas por Marcuschi (2008), mencionadas anteriormente na Fundamentação Teórica.

Quadro 3: Operações da Retextualização.

1ª OPERAÇÃO	Eliminação de marcas interacionais ou conversacionais, tais como, hesitações, léxicos característicos da língua falada, truncamentos e sobreposições de palavras, observações metalinguísticas, entre outras.
2ª OPERAÇÃO	Introdução da pontuação de acordo com a intuição fornecida pela entonação do falante.
3ª OPERAÇÃO	Remoção das repetições, reduplicações e paráfrases.
4ª OPERAÇÃO	Introdução dos parágrafos e da pontuação minuciosa, porém ainda sem alteração da ordem dos tópicos discursivos.
5ª OPERAÇÃO	Introdução de palavras para substituir as referências feitas pelas ações do falante e pela verbalização de contextos expressos por dêiticos.
6ª OPERAÇÃO	Reconstrução de estruturas sintáticas e ordenação das concordâncias.
7ª OPERAÇÃO	Modificação estilística com novas estruturas sintáticas e novas opções lexicais.
8ª OPERAÇÃO	Reorganização tópica do texto e da sequência argumentativa.
9ª OPERAÇÃO	Estruturação das ideias e dos argumentos.

Fonte: Marcuschi (2008, p.75).

Foi explicada com exemplos cada uma das operações indicadas por Marcuschi para passar de um texto oral para o escrito e, em seguida, foi iniciado o processo de retextualização que ocorreu da seguinte forma: cada grupo de dois alunos ficou responsável pela retextualização de uma entrevista. Dessa forma, foram formados ao todo dez grupos para retextualizar dez entrevistas. Salientamos que a etapa da retextualização foi realizada em dois encontros. Trabalhamos sempre com

aulas de cinquenta minutos, cada encontro correspondeu a duas aulas de cinquenta minutos.

Ainda com relação às atividades da pesquisa, o grupo teve uma frequência satisfatória nos seis encontros que foram realizados. Apenas dois deles tiveram que faltar: um no terceiro dia e outro no último dia. As ausências foram justificadas, mas certamente a falta da colaboração desses alunos nesses dias foi um ponto negativo. Apesar de ter reunido estudantes de quatro salas diferentes, a relação entre eles foi amigável já que moram todos na mesma comunidade e, por isso, já se conheciam.

A colaboração durante as aulas foi, de um modo geral, boa. Alguns mostraram mais interesse e dedicação, fazendo diversas perguntas sobre o conteúdo repassado, enquanto outros foram mais relapsos, esperando sempre pelos outros na hora das atividades, ou ainda brincando, rindo das respostas dos entrevistados, atrapalhando, assim, o andamento da programação.

Porém, no terceiro e no quarto encontros, que correspondem à fase de transcrição das entrevistas, houve muitas dúvidas e perguntas dos alunos em geral. A causa desses questionamentos é que eles teriam que aplicar a tabela de símbolos do NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta) para fazerem as transcrições e isso causou muitas dúvidas aos alunos.

Apesar da atividade de transcrição ter sido proposta para ser feita em duplas, cada uma com uma entrevista diferente, muitos alunos foram olhar o trabalho da dupla vizinha, tirar dúvida, às vezes, até conversar, enquanto esperava ter acesso ao gravador ou ao celular para ouvir a entrevista do seu grupo. Isso porque, para toda a turma, só contávamos com dois aparelhos para fazer as entrevistas e para escutá-las: um celular e um gravador.

Observamos que na última fase da sequência didática, alguns alunos deixaram o trabalho de retextualização quase totalmente para o colega com quem fazia dupla, contribuindo muito pouco com alguma sugestão. Em outra dupla, um só reescreveu o texto e o outro “passou a limpo”. Apenas três duplas fizeram como combinado pelo o professor coordenador: fazer uma reescrita com a participação dos dois, sem sobrecarregar apenas um.

Por fim, questionados no final da sequência didática, os alunos participantes afirmaram ter aprendido muito com essa “nova” forma de escrever. Um deles afirmou que era até capaz de dizer todo o texto com o qual tinha trabalhado,

na versão oral e na versão que ficou escrito, de tantas vezes ouvi-lo e escrevê-lo. Outros afirmaram que compreenderam que o texto melhorava muito se fosse escrito muitas vezes, com mais planejamento.

3.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Toda análise concretiza-se a partir de um conjunto de documentos denominado *corpus*. Esse conjunto de documentos apresenta as informações de uma pesquisa e a obtenção de resultados válidos e confiáveis. A análise do *corpus* aprofunda a compreensão dos fenômenos que foram investigados ao longo de uma pesquisa. É o *corpus* também que vai definir como será feita a análise. Muitas vezes elegemos certas categorias e, no momento de analisar o *corpus*, precisamos adaptá-las ou poderá surgir a necessidade de criarmos outras.

No presente trabalho, o *corpus* que serviu de análise foram as produções escritas, ou seja, as retextualizações feitas pelos alunos a partir das entrevistas realizadas. Entendendo que os recursos não verbais de um texto cumprem uma função fundamental na compreensão do que está escrito, este trabalho objetiva analisar o *corpus* da pesquisa acima mencionado tendo por base as seguintes categorias: os recursos de pontuação, o emprego de letras maiúsculas, o recuo de parágrafos e ainda os recursos de oralidade presentes nos textos retextualizados.

Salientamos que apesar de nossa análise se deter mais no aspecto semiótico que esses recursos gráficos representam é inevitável não recorrer ao aspecto gramatical, pois quando mencionamos a categoria dos recursos de pontuação, por exemplo, temos quer ter um parâmetro e esse parâmetro muitas vezes é a gramática. A seguir, faremos uma breve explanação de cada uma dessas categorias, justificando sua importância para o sentido do texto.

Os recursos de pontuação: Lukeman (2011) afirma que a pontuação é a música da língua. Toda leitura tem um ritmo e esse ritmo é dado pela pontuação. Na língua escrita, ela representa as pausas e as entonações da língua falada, além de representar também uma importante função semântica. Por isso, o não uso ou o uso inadequado desse recurso promove um desacordo no texto. Sem a pontuação, o leitor não terá condições de compreender a mensagem pretendida. Isso mostra a necessidade de um trabalho específico com os alunos sobre essas deficiências.

São treze os sinais de pontuação: aspas (“ ”), asteriscos (*), colchetes ([]), dois pontos (:), parágrafo (§), parênteses (()), ponto de exclamação (!), ponto final (.), ponto e vírgula (;), ponto de interrogação (?), reticências (...), travessão (-) e vírgula (,). Embora a gramática padronize regras para usar cada sinal desses no texto, haverá mais de uma possibilidade de pontuar e a decisão será influenciada pelo estilo de quem escreve. Há escritores que são mais objetivos e outros que são mais subjetivos, acarretando uma pontuação particular a cada estilo. Também é certo que haverá casos que não admitirão essa liberdade.

O emprego de letras maiúsculas: apesar da oralidade não requerer diferença entre letra maiúscula e minúscula, sabemos que, ao empregar esse recurso, o aluno mostra que já tem noção de limites em um texto, ou seja, maiúscula para iniciar uma frase ou um título, nomes próprios e o ponto final para terminar uma frase. As demais letras deverão ser minúsculas. Assim, a letra maiúscula significa, entre outras coisas, que “aqui começa uma frase ou um texto” e até começar outra frase ou nome próprio, as letras deverão ser minúsculas.

Num nível de entendimento mais amplo, o aluno poderá usar o recurso de letras maiúsculas também para indicar um tom de voz mais elevado, como acontece nas histórias em quadrinhos, por exemplo, ou ainda indicar ênfases ou chamar a atenção para determinada palavra iniciada com letra maiúscula. A inicial maiúscula individualiza a palavra, confere uma importância a mais à palavra, delimita seu significado, enfim, para o seu uso, há diversas razões, as quais muitas vezes nem percebemos quando usamos esse tipo de letra.

Disposição do parágrafo: segundo Figueiredo (1998), parágrafo é um bloco de raciocínio progressivo. Cada parágrafo possui a ideia central ao redor do qual giram ideias complementares. Ao aplicar esse recurso em um texto, o aluno mostrará que aquele grupo de frases juntas está definindo e delimitando um tema. Ele é um microtexto que possui uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

O parágrafo, dentro de um texto, é tão importante quanto um capítulo de um livro, pois é ele quem encoraja o leitor a ir adiante na leitura dos próximos parágrafos, define o andamento da leitura e nos permite visualizar o cenário do que estamos lendo. Visualmente, é ele quem define o modo de lermos: geralmente, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Nos mangás, por exemplo, o formato é outro, teríamos que ler da direita para a esquerda.

Recursos de Oralidade: Urbano (2001, p. 86) defende que marcas de oralidade são os elementos que ajudam a construir e a dar coerência e coesão ao texto falado. Elas revelam as condições de produções do texto. São, portanto, palavras ou expressões, mais ou menos convencionalizadas, típicas da interação face a face, podendo ser recursos prosódicos, como pausas, articulações enfáticas, alongamentos.

É certo que há gêneros textuais mais próximos da fala, enquanto há outros que, pela sua própria estrutura, conservam um distanciamento maior entre fala e escrita, mas não a ponto de haver dois sistemas linguísticos. No caso da nossa pesquisa, o gênero usado foi a entrevista e observamos muito da fala nos textos retextualizados. Muitas vezes, as retextualizações e transcrições eram praticamente o mesmo texto. Dessa forma, conclui-se que fala e escrita são atividades interativas e complementares, ou seja, não há uma escrita pura, separada de marcas de fala, sendo impossível desvinculá-las. Como afirmamos, anteriormente, há gêneros mais próximos da fala e outros mais distantes.

4 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Com o objetivo de analisar quais os recursos não verbais que ocorrem durante a passagem do texto oral para o texto escrito, apresentamos a seguinte análise que teve como *corpus* as retextualizações de dez entrevistas orais para entrevistas escritas. Dentre os recursos não verbais, elegemos, a princípio, três categorias para analisar: o uso de letras maiúsculas e minúsculas, o recuo de parágrafos e o uso da pontuação. Contudo, no decorrer da análise, decidimos inserir mais uma categoria chamada recursos de oralidade.

Dessa forma, nossa análise focará nessas quatro categorias acima mencionadas, observando, assim, o domínio linguístico dos alunos participantes nesses quatro níveis. A princípio, esperamos que o aluno de 8º ano já seja capaz de perceber essas exigências semânticas de organização, de pontuação e de adaptação da língua oral para a língua escrita, de planejar como se quer dizer algo no texto.

Assim, torna-se relevante fazermos um *link* entre dois conceitos envolvidos nesta pesquisa que são: retextualização e multimodalidade. Por retextualização, consideramos o que diz Marcuschi (2000, p. 48): “uma tradução”, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua. Se considerarmos assim, então, retextualização é uma modificação ampla do texto, à qual é necessária a etapa de replanejamento, principalmente quando se altera o meio em que ele será veiculado.

Mais do que intervenções de caráter meramente linguístico, a retextualização exige a adequação de um texto a determinada situação comunicativa, o que pode implicar mudanças inclusive na composição entre informação, texto, linguagens empregadas e suportes. Especificamente nesta pesquisa, a mudança de gênero não será possível, visto que nosso propósito é continuar no mesmo gênero textual: da entrevista oral para a entrevista escrita.

No entanto, essa “migração” do oral para o escrito faz emergir a questão da multimodalidade, porque o suporte é outro, bem como são outros os recursos linguísticos empregados. Dentre esses recursos destacaremos o uso de letras maiúsculas, adisposição de parágrafos, e os recursos de pontuação considerando-os como recursos multimodais. Assim, a multimodalidade é, então:

[o] uso de diversas modalidades semióticas no design de um produto ou evento semiótico, juntamente com a forma particular como essas modalidades são combinadas – elas podem, por exemplo, se reforçar (dizer o mesmo de maneiras diferentes), desempenhar papéis complementares [...] ou ser ordenadas hierarquicamente [...]. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 20)

Diante dessas considerações, a análise que se segue apresenta uma possibilidade, entre muitas, da função de elementos não verbais em um texto.

Como dito anteriormente, o *corpus* desta pesquisa é constituído de dez entrevistas retextualizadas da modalidade oral para a modalidade escrita. Isso foi trabalhado com um grupo de vinte alunos do oitavo ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio Aloysio Barros Leal, em Fortaleza, Ceará. Em duplas, esses alunos elaboraram perguntas, fizeram uma entrevista oral com professores da escola, em seguida, a transcrição e, posteriormente, a retextualizaçãodessas entrevistas orais para entrevistas escritas, empregando os recursos de letra maiúscula, minúscula, pontuação, disposição de parágrafos que acharam convenientes e de adaptação da fala para a escrita.

O conteúdo das entrevistas foi sobre leitura, tecnologia na escola, currículo escolar, ensino de artes, profissão, relação professor-aluno e *bullying*. Diante desse exposto, iniciamos a análise com a primeira entrevista a respeito de leitura. A dupla responsável por elaborar, transcrever e retextualizar o texto a seguir o fizeram da forma exposta abaixo. Começaremos mostrando a transcrição e a retextualização do jeito que foi escrita pelos alunos responsáveis e, em seguida, nossa análise. Salientamos ainda que os erros de ortografia ou quaisquer outros erros encontrados no texto, não serão comentados porque a análise proposta se deterá apenas nos aspectos não verbais do texto acima mencionados.

4.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA I

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom	/ /
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA I							
Entrevistador: Bom dia, vamos entrevistar agora o professor Léo da escola "Aluizio Barros Leal". Professor Léo... qual a importância da leitura na formação do aluno?							
Entrevistado: Bom dia... olha não começar citando uma frase de Paulo Freire ele diz que "a leitura de (um) pre- ciza do (dom) da palavra." Então letra é tudo hoje né, eu acho que... quem não ler não vê o mundo, é importan- te que a leitura ele... ele seja colocada como hábito desde a... a (infância) do indivíduo, que não acon- tece hoje no nosso país... no país que pensa se ler... nós temos mais telespectadores e infelizmente nosso país ainda não tem cultura de leitura né.							
Entrevistador: A escola deve incentivar todo tipo de leitura ou especificamente a leitura literária?							
Entrevistador: Olha principalmente a escola, ela como um local propício para essa atividade ela não não deve privi- legiar só o texto literário. NE... qualquer tipo de leitura é viável para que o indivíduo seja apresentado a esse mundo mágico, eu por exemplo comecei a ler quadrinhos... a partir daí eu (tomei) gosto pela literatura e eu penso que a escola deve ser o local privilegiado para que apresente né... as mais variadas leituras para o indivíduo para (espanha)							

Entrevistador: Na sua opinião que fatores incluem na falta de interesse dos alunos em geral pela leitura?

Entrevistado: Olha... eu penso que a leitura deve começar em casa... por exemplo, as crianças que ver seus pais lendo, naturalmente vai ter um apelo pela leitura. Nesse papel da escola eu acho que a leitura ela deve começar em casa uma leitura (lógica) de (risco) por exemplo contos de fadas para que a leitura no momento sejam de (delite) né, isso deve começar de familiares a escola ela vai (procurar) a leitura do indivíduo

Entrevistador: E o livro didático ajuda a incentivar o gosto pela leitura?

Entrevistado: Olha... todo tipo de leitura é válida... agora nós acho não o livro didático, né é importante que as escolas eles (evitem) na lição dos livros paradidáticos por exemplo... eu já li muito livros paradidáticos quando eu era estudante... hoje não vejo isso nas 1ª séries os professores de português pelo menos que eu conheço NÃO apresentam aos alunos livros paradidáticos uma falta nossa nos nossos dias.

Entrevistador: Enfim... livros como Harry Potter A Culpa é dos Estranhos... Ladraão de Raios e outras dessa linha devem ser adotados nas escolas

Entrevistado: Olha... eu não diria como... como... como vamos dizer assim... como privilégio mas devem sim ser adotados são livros NE? Ou... que é:: faz parte de... do universo das novas gerações... principalmente a literatura norte americana é:: não só esse livro mais é:: a literatura clássica por exemplo... Não

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

/ /

podemos esquecer da literatura clássica NE e... essas lições
que você citou pode ser também eh:: caminhos para que
o aluno adquira esse gosto pela leitura... começando
pela leitura e... que ele tem pela () depois parte para
outros gêneros outros tipos de leitura... é importante sim

Entrevistador: Obrigador pela sua atenção

Entrevistado: obrigado.

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

/ /

RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA I

Entrevistador: Bom dia, vamos entrevistar o professor Léo da escola "Alejo Barreto Leal". Professor Léo, qual a importância da leitura na formação do aluno?

Entrevistado: Bom dia, começarei citando uma frase de Paulo Freire: "a leitura de um precisa do dom da palavra." Leitura é TUDO hoje, quem não lê não vê o mundo. A leitura tem que ser um hábito, isso não vem acontecendo no nosso país, em um lugar que pouco se lê, nós temos mais telespectadores. Infelizmente nosso país ainda tem esse hábito.

Entrevistador: A escola deve incentivar todos tipos de leitura ou especificamente a leitura literária?

Entrevistador: Sim! a escola é um local propício para apresentar os mais diversos tipos de leituras. Eu por exemplo comecei a ler quadrinhos, a partir daí eu tomei gosto pela literatura.

Entrevistador: Na sua opinião que fatores influem na falta de interesse dos alunos em geral pela leitura?

Entrevistado: A leitura deve começar em casa com uma leitura básica, por exemplo conto de fadas. Crianças que veem seus pais lendo, naturalmente vai ter um apreço pela leitura. A escola depois aprofundará a leitura do indivíduo.

Entrevistador: É o livro didático ajuda a incentivar o gosto pela leitura?

Entrevistado: Não só o livro didático, todo tipo de leitura é válida. É muito importante também que a escola incentive a leitura dos paradidáticos, eu já li muitos livros paradidáticos quando eu era criança, hoje não vejo isso. Uma falta nossa nos nossos dias.

Entrevistador: Livros como "A Culpa é dos Estrelas", "Ladrões de raios" e outros desse linha, deve ser adotado nas escolas.

Entrevistado: Eu não digo como privilégio, mas devem sim ser adotados. Eles fazem parte do universo da nova geração, principalmente a literatura norte americana. Não devemos esquecer da literatura clássica. Esses livros que você citou pode ser também caminhos para que o aluno adquira esse gosto pela leitura, depois parte pra outros gêneros, outros tipos de leituras.

Entrevistador: Obrigado pela sua atenção!

Recurso de Oralidade: É comum na fala, marcar a continuidade do tema em questão repetindo várias vezes a palavra em torno da qual gira o assunto. Antunes(2005) defende que, se estamos falando do mesmo tema, é natural que voltemos a usar a palavra que marca essa continuidade temática. Isso é inclusive, uma das condições de coesão textual.

De acordo com essa premissa, destacamos como um recurso de oralidade na retextualização da entrevista I, o seguinte exemplo que pode ilustrar

essa questão da repetição como um artifício de continuidade do tema que está em foco. Observa-se no fragmento abaixo que a repetição da palavra **leitura** caracteriza bem uma conversa. Na escrita teríamos que elaborar melhor o arranjo das orações para obtermos uma maior clareza.

Ex.: A **leitura** deve começar em casa com uma **leitura** básica, por exemplo contos de fadas. Crianças que ver seus pais lendo, naturalmente vai ter um apelo pela **leitura**. A escola depois aprofundará a **leitura** do indivíduo.

A repetição, quando não planejada, empobrece o texto escrito, pois entre outras coisas, acarretará numa pobreza vocabular, no entanto, ela é um recurso de coesão e pode muito bem enfatizar, realçar, marcar um contraste ou indicar uma quantificação dentro do plano textual (ANTUNES, 2005, p. 73-74). No nosso exemplo, ela se encaixa nessa tentativa de continuação do tema **leitura**.

Disposição do Parágrafo: nesta seção, observamos que as falas do entrevistador e do entrevistado são separadas como em blocos que constituem os parágrafos e um espaço em branco entre as falas de cada um. Percebemos que quem escreveu o texto tinha conhecimento da organização espacial que caracteriza o gênero textual entrevista. Cada pergunta e resposta equivalem a um parágrafo.

Notamos que no plano visual o recuo de parágrafo é feito à margem esquerda da folha, mas, além disso, não esqueçamos que o conjunto de períodos que formam o parágrafo deve formar um todo coeso. No nosso texto em análise, podemos perceber uma sequência lógica de progressão de ideias, ou seja, percebermos uma sequência na resposta do entrevistado de início, meio e fim como veremos abaixo:

Ex.: Não só o livro didático, todo tipo de leitura é válida. É muito importante também que a escola incentive a leitura dos paradidáticos, eu já li muitos livros paradidáticos quando eu era criança, hoje não vejo isso. Uma falha nossa nos nossos dias.

Embora seja um parágrafo pequeno assim como todos os outros desse texto, vemos que o entrevistado começa afirmando que todo tipo de leitura é válida, correspondendo ao tópico frasal. Em seguida há a afirmação adicional de que a escola deveria incentivar a leitura de paradidáticos como uma forma de incentivar a leitura, visto que isso foi uma experiência vivida pelo próprio interlocutor. Finalmente, há a conclusão de que é uma falha o fato da escola não incentivar esse tipo de leitura.

Emprego de Letras Maiúsculas: Destacamos no texto o uso das letras iniciais maiúsculas como, por exemplo, no início de frases, nomes próprios de pessoas, nome da escola e nos nomes das obras citadas. Deixando as regras gramaticais que regem o uso dessas letras e nos atendo a sua semiologia, teceremos alguns comentários sobre as ocorrências desses sinais gráficos.

O uso de letras maiúsculas no início dos nomes próprios de pessoas, da escola e obras literárias nos remete a uma individualidade e importância. Por outro lado, o uso de maiúsculas no início das frases nos passa um sentido de delimitação, marcação de início de um enunciado. Outra ocorrência no texto para o uso desse tipo de letra acontece na frase: ***Leitura é TUDO hoje***, que pelo contexto nos remete a uma ênfase.

Recursos de Pontuação: Com relação ao emprego da pontuação, observamos que foram usados vários recursos de sinais gráficos para repassar a mensagem pretendida. Destacaremos primeiro, um recurso pouco usado nas produções textuais propostas na escola: o uso das aspas. Esse sinal que foi usado tanto para destacar palavras nas perguntas como também nas respostas.

Sem dúvidas, as aspas são um sinal altamente visível. Elas se elevam acima do texto, em posição de destaque, vêm em pares, causando impacto duas vezes. Por isso, as aspas sempre vêm associadas a uma intenção de dar um sentido especial à palavra ou à expressão destacada. Quem as usa quer dar esse destaque, uma forma de comunicar que o leitor deve se deter na palavra ou frase destacada de uma forma especial.

4.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA II

Prosseguindo nossa análise, iremos para outro texto retextualizado escrito por outra dupla de alunos:

Transcrição da Entrevista II

Entrevistador: Bom Dia... agora vamos entrevistar a professora Vania da Escola Aloysio Barros Leal... a senhora é professora de língua portuguesa há quanto tempo?

Entrevistada: Bom Dia sen... leciono a língua portuguesa há aproximadamente dezessete anos

Entrevistador: O que é ser professora para a senhora?

Entrevistada: Ser professora éh::: ... acredito que é uma das profissões... mais satisfatórias que existe né? sim, eu sempre me imaginei como educadora... porque... sempre gostei de repassar conhecimentos que eu sei... que eu detenho né? e::: ... saber que o meu aluno de alguma forma tá aprendendo éh::: ... está se transformando a cada dia... prá mim... é bastante satisfatório

Entrevistador: como professora quais foram os aprendizados que lhe marcaram?

Entrevistada: Éh::: ... principalmente éh::: ... o aprendizado no que diz respeito as relações sociais éh::: ... entender mais o aluno... não entender o aluno como apenas éh::: ... um mero éh::: ... detentor de... de... de

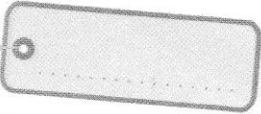
kajoma

conhecimentos... mais sobretudo éh:::... conhecer...
 conhecer o lado né? o lado social... do aluno éh:::...
 conhecer suas dificuldades e verificar que atrás
 de cada aluno éh:::... há um ser humano então
 eu acredito que tentar entender o aluno né?
 nas suas... em todos os seus... em todos os
 seus lados sociais cognitivos psicológicos... é bem
 mais interessante do que apenas repassar conheci-
 mento.

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre
 o atual currículo do ensino fundamental?

Entrevistada: Éh:::... o ensino fundamental
 assim como o ensino médio claro... ele tem
 passado por algumas transformações éh:::...
 favoráveis... sobretudo... mas sim ainda há... há...
 há uma distância no que... no que se quer né? o
 que um educador o que uma escola ainda necessita
 no nosso país... porque eu acredito que todas as
 escolas de ensino fundamental aliás todas as
 escolas do nosso país tanto ensino fundamental
 e ensino médio deveria estar voltada também
 mais para a formação humana... éh:::... voltada
 para o currículo integrado éh:::... voltada mais
 também para éh:::... para o ensino profissional
 ... acredito que uma reformulação do currículo
 seria adequada no momento.

Entrevistador: A escola está acompanhando as transformações sociais e tecnológicas?



Entrevistada: Com certeza... dentro das possibilidades né? do nosso ambiente escolar não só aqui a nossa escola claro que nós temos muitos problemas né? no que diz respeito a tecnologias as transformações éh:::... elas estão acontecendo... claro que não assim num nível acelerado como queríamos diante das dificuldades materiais... mas éh:::... de uma certa maneira éh:::... o nosso ambiente escolar nossa escola... ela sempre procura desenvolver o trabalho da melhor maneira possível... com os recursos que nós temos.

Entrevistador: Pronto... pois... a gente agradece pela sua participação na nossa entrevista e bom dia.

Entrevistada: Bom dia... muito obrigada.

Retextualização da Entrevista II

Entrevistador: Bom dia, agora vamos entrevistar a professora Vânia da Escola Aloysio Barros Leal. A senhora é professora de Língua Portuguesa há quanto tempo?

Entrevistada: Bom dia! Eu leciono essa disciplina há aproximadamente dezessete anos.

Entrevistador: O que é ser professora para a senhora?

Entrevistada: Ser professora é uma das profissões mais satisfatórias que existe. Eu sempre gostei e me imaginei sendo educadora. Repassar conhecimentos, saber que o aluno está aprendendo e se transformando a cada dia para mim é bastante satisfatório.

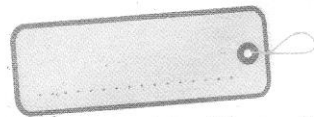
Entrevistador: Como professora, quais foram os aprendizados que lhe marcaram?

Entrevistada: O fato de entender o aluno vendo o seu lado social, cognitivo e psicológico, isso é mais importante para mim do que apenas repassar conhecimentos.

Entrevistador: Qual a sua opinião sobre o atual currículo do Ensino Fundamental?

Entrevistada: Ele tem passado por

kajoma



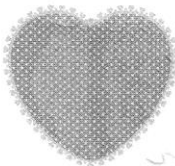
diversas transformações favoráveis mas eu acho que mas ainda necessita melhorar. Acho também que todas as escolas não só do Ensino Fundamental mas também do ensino médio deveria estar mais voltadas para a formação humana, para o currículo integrado e para o ensino profissional. Então, seria adequada uma reformulação do currículo.

Entrevistador: A escola está acompanhando as transformações sociais e tecnológicas?

Entrevistada: Dentro das possibilidades, sim! Apesar de todas as dificuldades materiais, a nossa escola tenta desenvolver o trabalho da melhor maneira possível.

Entrevistador: Nós agradecemos pela sua participação na nossa entrevista. Bom dia!

Entrevistada: Bom dia, muito obrigada!



Recurso de Oralidade: Na transposição do texto oral para o texto escrito, geralmente, permanecem marcas de oralidade. No texto da entrevista II, apontamos os seguintes recursos de oralidade: a redução de palavras e repetições que são dois recursos típicos da fala. Há a redução da palavra **para** que ficou **pra** no exemplo abaixo em uma das falas da entrevistada.

*Ex.: Repassar conhecimentos, saber que o aluno está aprendendo e se transformando a cada dia **pra** mim é bastante satisfatório.*

Outro registro típico de oralidade, representado pelo recurso da repetição é o fragmento abaixo, em que observamos duas ocorrências de palavras repetidas. Segundo nossa análise, uma das repetições não responde a um propósito discursivo, ou seja, foi uma repetição não funcional. Já na segunda ocorrência, observamos que a palavra repetida cumpre uma função no texto. Vejamos o exemplo:

*Ex.: Ele tem passado por diversas transformações favoráveis **mas** eu acho que **mas** ainda necessita melhorar. Acho também que todas as escolas não só do Ensino Fundamental **mas** também do ensino médio deveria estar mais voltadas **para** a formação humana, **para** o currículo integrado e **para** o ensino profissional. Então, seria adequada uma reformulação do currículo.*

A repetição da palavra, **mas** no fragmento acima, causa uma falta de clareza tornando o texto menos informativo, enquanto a palavra **para**, também repetida, tem outro efeito, o de quantificação. Notamos que, embora repetida e causando a impressão de que se está dizendo a mesma coisa, essa palavra não causa o estranhamento produzido pela primeira repetição.

Disposição do Parágrafo: ao observarmos a retextualização da entrevista II, vemos que todos os turnos conversacionais foram marcados pelo recuo de parágrafos. Observamos ainda que, do texto da transcrição para o texto da retextualização, os parágrafos foram bastante reduzidos, consequência das eliminações das hesitações. Na transcrição, a fala da entrevistada é marcada por respostas longas, detalhadas e, na retextualização, houve um resumo das respostas acarretando, assim, em parágrafos menores.

Lukeman (2011) afirma que nenhum outro sinal de pontuação tem tanto poder sobre o andamento do texto. Sendo assim, os parágrafos curtos, como no caso do texto da entrevista II, acelera o ritmo da leitura enquanto os longos podem causar muitas vezes, uma leitura lenta. Portanto, a formação de um parágrafo curto ou longo, independente de seu conteúdo, é um elemento de controle da leitura, pois

definirá o tamanho do texto e o ritmo da leitura. Assim, concluímos que houve uma adequação da fala para a escrita.

Emprego de Letras Maiúsculas: No texto da entrevista II, foram empregadas letras maiúsculas para o início dos períodos, para os nomes próprios e depois dos dois pontos, contradizendo a regra da gramática normativa que diz que, após os dois pontos, deve-se usar letra minúscula, salvo se for citação direta, pois esse sinal caracteriza-se por não concluir um enunciado. Assim, ao usar o recurso, de letra maiúscula após dois pontos, fazemos uma indicação de que o início do enunciado começa onde foi grafada a letra maiúscula.

Lukeman (2011) afirma que, ao usar a letra maiúscula após os dois pontos, a atenção do leitor automaticamente se volta para onde está a letra maiúscula. Assim, no texto em análise, podemos afirmar que os dois pontos não marcam uma continuação do enunciado, mas sim um início, causado pelo uso da letra maiúscula, ou seja, o leitor se voltará mais para o que vem depois dos dois pontos do que para quem está falando no texto, nesse caso, o entrevistador e o entrevistado. Vejamos o exemplo escrito das duas formas:

Ex.1: Entrevistada: **S**er professora é uma das profissões mais satisfatórias que existe. (ideia de início de enunciado)

Ex.2: Entrevistada: **s**er professora é uma das profissões mais satisfatórias que existe. (ideia de continuação de enunciado)

Notamos que a letra maiúscula após os dois pontos, mesmo não sendo permitido segundo as regras da Gramática Normativa, além de chamar mais atenção para a resposta dada, nos remete a um início de frase e não causa um efeito de continuação de enunciado, o que não acontece se empregarmos a letra minúscula. Ou seja, a letra minúscula dá ideia de que a frase já havia iniciado. A afirmação é verdadeira uma vez que, os dois pontos na verdade não encerram uma frase, o que vem depois dele, então, seria uma continuação do enunciado.

Recursos de Pontuação: Uma característica notória na fala da entrevistada é a indecisão que é representada pelas reticências mostrando a indecisão do falante em prosseguir seu discurso de uma forma linear, o que acarreta uma desaceleração na narrativa como, por exemplo, nesta passagem:

Ex.: “*mas éh:::... de uma certa maneira éh:::... o nosso ambiente escolar... nossa escola*”

No entanto, ao retextualizar o texto, o autor preferiu um estilo direto e conciso, sem reticências, com uso de períodos pequenos usando somente a vírgula e o ponto final. O uso da exclamação depois do bom dia ajuda a traduzir a ênfase dada ao dizer essa expressão. Percebemos, então, que houve uma adaptação da língua falada para a língua escrita, usando uma linguagem resumida e direta, auxiliada pelos recursos de pontuação.

4.3 ANÁLISE DA ENTREVISTA III



* *
STOQSSD

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA III

Entrevistador; estamos aqui com o professor Alves para falar de seu livro... o homem que semeia/ semeava amigos e outros contos... para fazer algumas perguntas... e dúvidas... tirar algumas dúvidas... é... primeiramente... boa noite...

Entrevistado; boa noite

Entrevistador; o que incentivou o senhor a escrever esse livro?

Entrevistado; é interessante... eu... sempre escrevi sempre escrevi sempre escrevi e guardava tudo no blog guardava tudo em cardíno... quando foi um dia a minha sobrinha disse... tio me dá um livro de presente? E ela via muito meus textos no blog... e eu disse... tudo sim e aí comprei um livro pra ela muito bonito na saravira quando ela pegou o que ela pegou a alegria dela era tão grande quando ela abriu disse... NÃO tio... é um livro TÊU aí ah!! eu tinha que escrever um livro pra dá de presente pra minha sobrinha... aí foi quando eu resolvi... fazer a publicação... já tinha... muitos textos publicados no blog... resolvi fazer uma seleção dels e... publicar... como meu sogro era uma pessoa muito próxima a mim e havia falecido no dia que ele faleceu eu escrevi o conto o homem que semeava amigos... a crônica né? e aí... como ele era muito próximo a mim eu tinha uma afinidade muito grande com ele... aí eu resolvi... escrever o livro que dá esse título () uma forma de homenageá-lo né? colocar como título do livro a crônica pra ele, né? Então... ficou o homem que semeava amigos e outros contos... aí eu levei



©Disney

STOQSSD



PARA independência porque como ele era de lá eu queria também mostrar o livro PARA os colegas de lá para as pessoas mais próximas a ele e aí nós fizemos isso e publicamos em 2013 o homem que semeava amigos e outras histórias

Entrevistador; o senhor pretende escrever outros li::vros?

Entrevistado; já tá tudo engatilhado já já tem muitos textos, né? muitas crônicas já::... já selecionadas já tem dois romances infantil juvenis já prontos daí não três... já prontos falta só a gente criar coragem arrumar a verba pra publicar e também tem o livro de poemas né? que chama amor e poesia (eu) reuni umas quatrocentas poesias (da) pra tirar daí tá tirar pelo menos uma cem... que tá pra enxugar.

Entrevistador; o senhor falou que fazia algumas seleções dos contos... e das histórias... eu queria saber como é essa seleção

Entrevistado; () por exemplo... qual era o objetivo desse texto em si? Havia livro? Era era apresentar a crônica o homem que semeava amigos e muitas outras crônicas que tiveram de certa forma pró::ximidades... daí eu eu eu me faço referência a minha infâ::cia porque na minha infância... eu morava na cidade não morava no interior, né? eu tinha eu tinha muita vontade de morar no interior então não ~~eu~~ tinha... isso... e aí... tinha muito () relacionados comigo bem próximos a mim histórias de infância... história do circo... porque tudo isso estava de certa forma ligada a temática maior que seria o interior que seria o::... falar de um homem simples que era o seu Gonçalo Sapoia... e aí::... tem muitos outros lá... por exemplo



©Disney

tem uma sequência de texto lá que eu tenho t^o pensando em selecionar pra publicar... e são alguns que falam sobre sobre ciú:mes... que falam sobre namorai:das... e aí já vão t^o selecionadas num outro tipo de ol perspectiva t^o... porque a gente seleciona por perspectiva né? aquilo... tem uma certa digamos um um vi^o único... pra não ficar assim você falar você pega um texto falando sobre interior de repente pega outro falando sobre ciú:me (pra ver se) não chora (tir uma) certa linha de de uma certa linha... de narrativas né? e como são mu:itos os textos que a gente tem... desde 2001 que eu acumulo texto nesse blog... então muitos dá pra fazer dá pra selecionar os melhores depois faz uma crônica... mistura os outros... dá pra você fazer selecões e mais selecões deles.

Entrevistador; agradeço a participação do senhor e uma boa noite:.

Entrevistado; boa noite pra vocês e obrigado pela oportunidade de ol falar né? Porque porque eu não gosto eu NAO Gosto de falar né? uma oportunidade assim é bem demais (risos).

RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA III

O professor Aluis é escritor e professor. Ele começou a escrever desde cedo. Et retrinha dele um dia pediu pra ele dar um livro a ela escritor por ele. Ele tinha comprado um livro bonito pra ela mas ela só queria um livro escrito por ele. Esse livro foi O Homem que Semeara amigos

kajoma



e outros contos. Uma homenagem ao sogro dele que morreu. Ele continua a escrever mais coisas para ser transformado em livro. Livros que vão falar sobre infância e juventude, um livro de poesias também. Depois de escolher os melhores textos ele organiza o livro.

Recursos de Oralidade: No texto em destaque, notamos que a estrutura das frases, na maioria curtas, sugere uma escrita típica de iniciantes. As frases mostram uma influência muito grande da oralidade na escrita. O narrador assume toda a entrevista feita anteriormente e resolve recontá-la em um único parágrafo, quebrando a estrutura do gênero. Selecionamos uma passagem do texto que mostra mais claramente um recurso de oralidade:

Ex.: **Ele** tinha comprado um livro bonito pra **ela** mas **ela** só queria um livro escrito por **ele**.

A repetição dos pronomes pessoais **ele** e **ela** sugere um uso da fala em que não há uma preocupação de substituir certos termos para não repetir. No entanto, é certo que isso não equivale dizer que a escrita é uma modalidade da língua em que elaboramos, planejamos o que queremos dizer e a fala não.

Disposição do Parágrafo: O recuo foi feito no único parágrafo da entrevista III. A retextualização feita não manteve a proposta de permanecer no gênero entrevista, ou seja, da entrevista oral para a entrevista escrita. Portanto, esse modelo de retextualização surpreende quem está lendo, pois a estrutura do gênero textual abordado não foi mantido. O recuo de parágrafo, a fonte, o itálico, o negrito e a distância de letras são elementos que influem bastante no andamento da leitura.

Sendo assim, a organização espacial-visual de um texto é fundamental. No início do texto em análise, formamos uma ideia que vai ser iniciada uma narração, sendo assim, o leitor espera uma história com todos os seus elementos, mas o tamanho do texto e o único parágrafo causam uma quebra de expectativa em quem vai ler. Há ainda uma quebra de linearidade do gênero. Dessa forma, o texto da entrevista III é um exemplo do que foi exposto.

Emprego de Letras Maiúsculas: O uso de letras maiúsculas no texto ocorreu sempre no início dos períodos, no nome próprio de pessoa e para se referir ao título de um livro. Essas ocorrências demonstram o conhecimento das normas gramaticais quanto ao uso desse tipo de letra. Simões(2013), quando fala da Teoria da Iconicidade Verbal, ressalta que as letras maiúsculas têm valores semióticos, icônicos, que podem ser interpretadas pelos leitores não como simples marcas de obediência às normas gramaticais, mas também como símbolos de importância, reverência, autoridade ou individualização na perspectiva semiótico-funcional (SIMÕES, 2013, p. 78).

Dessa forma, mesmo o autor do texto não tendo esse letramento semiótico, como leitores, podemos constatar essa afirmação de Guimarães(2013), percebendo esse sentido quando lemos por exemplo, o nome da obra citada no texto: **O Homem que Semeava Amigos e outros**. Percebemos que o uso das letras maiúsculas destaca esse título, chamando a atenção do leitor e, conseqüentemente, dando ao termo destacado por esse tipo de letra uma maior importância. Observamos ainda no texto que, ao usar a inicial maiúscula no início das frases, esse símbolo torna-se o oposto do ponto final, ou seja, o símbolo da maiúscula para iniciar frases e o ponto final para terminar.

Recursos de Pontuação: O recurso de pontuação foi escasso, somente o ponto final e uma vez a vírgula. Embora a transcrição feita tenha sido extensa, com muitas frases, a retextualização foi mínima se comparada à quantidade de frases da transcrição. Mas, queremos destacar o uso frequente do ponto final, que assinala, no mundo da pontuação, um sinal de parar. É como se a cada pausa o leitor parasse, tirasse uma conclusão e começasse rapidamente a elaborar outra conclusão, já que uma nova informação é dada.

Isso resulta numa “aceleração” no ritmo do texto, uma “pressa em transmitir, consolidar a mensagem. O uso frequente desse sinal privilegia claramente a ação, mantém a narrativa “em movimento” porque não se prende a detalhes, a muitos adjetivos, evita as frases longas, o que pode indicar também uma forma de prender o leitor. Caracteriza um discurso direto e conciso. O ponto final, então, provocou todas essas características no texto retextualizado.

Assim, o uso desses dois sinais gráficos indicam muito das intenções do autor, mostrando que, por trás deles, há um porquê, uma intenção que é passada não de uma forma verbal, mas graficamente, pois cada um deles tem sua função no texto.

3.4 ANÁLISE DA ENTREVISTA IV

* *
STOQSSD

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA IV

Entrevistador: bom dia ... vamos entrevistar o professor Francisco Dilton da escola Aloysio Barros Leal ... que é o professor de artes o senhor ... é professor de artes há quanto tempo?

Entrevistado: bom ... eu me formei agora em 2013... ingressei no concurso ... da Seduc né? logo na ... na sequência e ... ministrava aula no ensino superior no curso de pedagogia da UECe ... disciplina de arte ... arte educação ... é uma experiência de professor de arte ela é um pouco ... ela não é linear ela é pulverizada entre o ensino fundamental né? e educação especial ... ensino superior ... tive um semestre de experiência com o ensino superior ... e agora no estado ... no ensino médio né? e fundamental ... então aproximadamente ... eu tenho uma trajetória com arte né? porque você falar professor ... eu não entendo Professor só como professor ins ... institucional é? Antes de tudo..a sociedade... ela é pedagógica

Entrevistador: e como o senhor vê o ensino de artes nas escolas?

Entrevistado: escolas públicas?

Entrevistador: isso

Entrevistado: bom ... eu acho que... a disciplina de arte ... ela tem uma




STOQSSD



trajetória na... no nosso currículo é h... desde os seus primórdios né? desde o império até hoje... é um () so/sufrida... né? uma disciplina desvalorizada... que associa-se arte... com lazer... associa-se artes com... passar tempo né?... e não... e foi a partir dos anos oitenta, que a arte... que a arte () ele ele ele ele se transformou né? ele ele ele se reformulou e foi... onde... nós podemos pensar agora arte... como uma disciplina séria né? uma disciplina... que tem uma área de conhecimento né? arte é a área de conhecimento... ela é considerada isto está na LDB tá nos PCN's arte né? mas a nossa prática ela ainda continua pra... a mesma... nós continuamos com os vícios né? do passado né? aonde a disciplina de arte ela era tida né? sem essa sistemática né? sem essa área de conhecimento então ela era colocada na grade currículo mas ela não era obrigatória... ou seja... o gestor escolar ele poderia muito bem... não ter aula de arte na sua escola né? não era obrigatória... hoje ela é obrigatória né? ela é uma disciplina como qualquer outra... ela é obrigatória... só que nós herdamos né? essa... essa deficiência quer dizer nós ainda estamos passando por... por adaptações... tanto :: o aluno né? com a escola e determinados professor que têm formação insipiente em arte né? nós ainda temos um problema muito grande na disciplina de arte... que ela é tomada por outra disciplina né? da área de linguagens e códigos né?... então o professor quando ele vai se lotar ele fica muito... dispenso né? pelas escolas pra conseguir fechar sua carga

©Disney



honária isso prejudica né? a qualidade desse professor tanto de de vida profissional né? como a qualidade de seus conteúdos né? dos seus conteúdos... a serem passados. Então assim... isso é um grande problema que a gente o professor de artes enfrenta é consertar né? tentar consertar esses entre aspas esses vícios do passado.

Entrevistador: É... professor Dilton... como a arte pode contribuir... para a formação dos alunos na sua opinião?

Entrevistado: antes de tudo... a... a arte... ela... ela já se coloca na vida dos alunos... quer queira ou não... de uma forma... eh... massificada né? nós temos arte na sociedade nós temos na nossa vida né? agora o ensino de arte... no ensino médio fundamental... principalmente no médio... ele não é pra formar artista né? nós ensinamos aí os processos... o aluno tem que conhecer o discurso da arte da sociedade que ele vive e da arte universal né? esse discurso né? ele fica apto a... a conhecer né? a sua cultura... a conhecer a si mesmo né? então a arte ela é () fundamental importância na formação do ser humano... o ser humano que não tem arte... ele é incompleto né? não existe uma formação sem arte... então a arte ele é importantíssima na formação dos alunos... uma porque né? vai trabalhar melhor o seu senso crítico né? as suas percepções é... é... é... a sua capacidade perceptiva né?

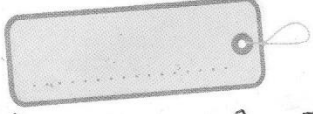
kajoma

os seus sentidos né? a arte trabalha com todos esses sentidos vai aguçá-los mais os seus sentidos o aluno vai ficar mais é... é... sensível a sua realidade né? então... de uma forma geral né?... a gente pode dizer que a arte ela contribui com a formação humana né?... ela faz parte da formação humana né? Não tinha formação humanística sem o ensino de arte.

Entrevistador: e o currículo na área de artes... qual a sua opinião sobre ela?

Entrevistado: o currículo da área de artes... eu acho que... ele é insipiente... porque a aula de arte... é uma aula diferenciada das outras disciplinas... a arte... segundo os PCN's com a nossa... Ana () Barbosa né? que elaborou né? o... a metodologia triangular... ela disse que... nós temos que ter pra ter um um um... completo ensino de arte... um movimento com ensino de arte um entendimento de arte né? educação... a gente tem que ter o fazer... o fluir e o contextualizar... e as nossas escolas infelizmente elas não estão preparadas pra isso... então o que reza né? os PCN's arte e a nossa prática... há um foco né? muito grande aí né? nós não conseguimos colocar isso na prática né? e... e assim... deveria ser mais estendido esse tempo... de cinquenta minutos e de uma forma também... é... trabalhar com ateliê...

kajoma


 porque você não consegue trabalhar ensino fundamental né? eh:::... em sala de aula convencional... práticas artísticas né? é
 é mesmo você trabalhar práticas artísticas né? da forma como nós temos as nossas salas de aulas inadequadas né? então seria um tempo muito curto... nós sabemos que... principalmente nas escolas públicas né? eh:::... nós temos uma dificuldade muito grande em... estabelecer TEMPO né? uma porque o aluno chega... e nós demandamos quinze minuto pra poder começar a nossa aula até fazer a chamada e acalmar os ânimos né? dos alunos... então assim... trinta e cinco minutos né? é muito pouco tempo pra você ministrar um aula de arte... então deveria ser reformulado a grade curricular nesse sentido.

Entrevistador: qual a função ou funções da arte dentro e fora da escola?

Entrevistado: dentro da escola... a função da arte... foi a que eu falei anteriormente... promover o conhecimento do discurso da arte na sociedade né? eu acho que o cidadão ele... ele... ele... se torna completo quando ele entende da sua arte, da sua... ele pode viver a parte da sua cultura ou então sendo reboque com a cultura de massa alienada... se ele pode tá... numa onda que você... desconheça... assim eu acho () as pessoas tem que ter consciente né né né? da sua

kajoma

cultura... da sua arte né?... do seu povo dos seus costumes... e a arte... ela contribui pra isso... tanto dentro da escola né?... como sociedade... agora esse caminho... escola sociedade... em relação a arte... ele é um pouco complicado... porque a arte... quando ela vai pra escola... ela vai com um propósito e na sociedade... a arte... ela tem um propósito só de lazer... ela... a gente passa despercebido na sociedade a... a proposta do conhecimento da arte né? a gente acaba levando esse conhecimento mais por influência do que por busca de conhecimento... por busca de entendimento né? e é uma coisa assim... faz parte da cultura de massa a arte da sociedade em geral... agora na escola... ela é interessante porque a gente começa a perceber né? as nossas trajetórias né? enquanto povo enquanto nação enquanto sociedade... éh:: a gente também entender... como a gente entende na história geral ou na história... brasileira do Brasil né? éh:: a gente também pela história da arte né? a nossa... a nossa... a nossa () existência né? a gente começa a perceber ela da forma mais... consistente

Entrevistador: gostaria de agradecer... a presença do professor Dilton... e que todos tenham um bom dia.

RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA IV.

Entrevistador: bom dia, vamos entrevistar o professor de Artes Francisco Dilton, da Escola Aloysio Barros Leal. O senhor é professor há quanto tempo?

Entrevistado: eu me formei em 2013, ingressei no concurso da Seduc, ministrava aula no curso de Pedagogia da UECE, na disciplina de Arte e Educação, então... eu tenho experiência no ensino superior, educação especial, agora no ensino médio e fundamental.

Entrevistador: como está o ensino de artes nas escolas públicas?

Entrevistado: eu acho que a disciplina de arte tem uma trajetória sofrida no nosso currículo desde os primórdios, desde o império até hoje, ela sempre foi uma disciplina desvalorizada, arte era associada a lazer, a passatempo e não é bem assim.

A partir dos anos oitenta a disciplina de arte se transformou numa disciplina séria, com uma área de conhecimento, isso está na LDB, está nos PCN's Artes.

Só que nos continuamos com os mesmos vícios. Antes ela era colocada na grade curricular mas não era obrigatória, o gestor escola podia ter Arte na escola mais ela não era obrigatória. Também tem o problema do professor que não tem formação em Artes. O Professor quando vai se lotar ele fica muito disperso pelas

kajoma



escolas, isso prejudica a vida profissional do professor e a qualidade do seu trabalho.

Entrevistador: como a arte pode contribuir para a formação dos alunos?

Entrevistado: antes de tudo, a arte já se coloca na vida do aluno quer queira ou não de uma forma massificada. Nós temos arte na sociedade, nós temos arte na nossa vida. Mais o ensino de arte no ensino fundamental e médio não é pra formar artista. O professor ensina os processos porque o aluno tem que conhecer o discurso da arte da sociedade que ele vive e da arte universal. Assim ele fica apto a sua cultura, a si mesmo. A arte é de fundamental importância na vida de ser humano, o ser humano que não tem arte ele é incompleto. Não existe formação sem arte. A arte é importantíssima na formação do aluno trabalha o senso crítico suas percepções seus sentidos. O aluno fica mais sensível a sua realidade. A arte contribui para a formação humana ela faz parte da formação humana.

Entrevistador: qual a sua opinião sobre o currículo na área de arte?

Entrevistado: ele é insipiente porque a aula de arte é uma aula diferenciada das outras disciplinas. Segundo os PCN's, pra ter um completo ensino de arte tem que ter o fazer o fluir e o contextualizar

kajoma

As nossas escolas não estão preparadas, por isso tem uma distância muito grande entre a teoria e a prática. Também o tempo da aula é muito curto, seria bom também, trabalhar com ateliê porque você não consegue trabalhar ensino fundamental as práticas artísticas, numa sala de aula convencional. Deveria ser reformulado o currículo, porque o tempo de aula é muito curto, seria bom também, trabalhar com ateliê, porque você não consegue trabalhar ensino fundamental as práticas artísticas, numa sala de aula convencional. Deveria ser reformulado o currículo porque o tempo de aula é muito curto.

Entrevistador: qual a função ou funções da arte dentro e fora da escola?

Entrevistado: dentro da escola é promover o discurso da arte na sociedade. Eu acho que o cidadão se torna completo quando entende da sua arte da sua cultura do seu povo dos seus costumes. A arte na escola tem um propósito e na sociedade tem um papel só de lazer. A proposta do conhecimento da arte passa despercebido.

Entrevistador: obrigado professor e bom dia.

Recursos de Oralidade: Destacamos como marcas de oralidade na entrevista IV, certas expressões típicas da fala como: **eu acho e não é bem assim**. Além disso, podemos identificar ainda as reduções de palavras tais como: **pra** e **numa**. As repetições também aparecem como um registro de oralidade, como nos exemplos abaixo:

Ex.1: *A partir dos anos oitenta a **diciplinade** arte se transformou numa **diciplinaséria**, com uma área de conhecimento, isso **está** na LDB, **está** nos PCN's Artes.*

Ex.2: ***O professor** quando vai se lotar **ele** fica muito disperso pelas escolas...*

Destacamos no exemplo um, a repetição da palavra **diciplina** (disciplina) que tem a função de continuidade do tema em foco, no caso, a trajetória da disciplina de Artes. Ainda no mesmo exemplo, temos a repetição da palavra **está** que indica uma quantificação, ou seja, a disciplina de Artes agora é uma disciplina obrigatória do currículo escola. Isso está em dois documentos oficiais: LDB e PCN's.

No exemplo dois, temos um recurso de repetição formado pela quebra de paralelismo sintático. A expressão **o professor** equivale ao pronome pessoal ele, duas palavras que indicam o mesmo sentido, mas com classes gramaticais diferentes, por isso, a quebra de paralelismo no nível sintático. Ressaltamos ainda, que não estamos analisando a grafia errada de algumas palavras escritas no texto.

Disposição do Parágrafo: Observamos que na entrevista IV, os parágrafos foram construídos, mas não mantiveram sua uniformidade, pois o número de linhas muda bastante no texto analisado. Sabemos que o parágrafo cumpre também a função de facilitar a leitura, encontramos as informações mais rapidamente em um texto estruturalmente organizado.

Além do mais, toda leitura tem um ritmo, se temos parágrafos pequenos e outros grandes, o leitor certamente sentirá também uma quebra desse ritmo. Assim, percebemos que escrever bem inclui não somente o conteúdo em si, mas a organização visual também está intrinsecamente ligada a uma boa leitura. O parágrafo, então, tem exigências internas e externas.

No texto em análise, há uma desarmonia na estrutura externa do parágrafo, ocasionada pela falta de equilíbrio de linhas. Notamos que na primeira resposta do entrevistado, o parágrafo é organizado em três linhas, mas, na segunda resposta, temos dois parágrafos, um de três linhas e outro de sete linhas. Continuando, na terceira resposta, temos oito linhas, uma diferença considerável.

Emprego de Letras Maiúsculas: As letras maiúsculas aparecem no texto para iniciar os períodos, iniciar nome de pessoa, nome de instituição como: escola, a universidade, órgão público, nome de disciplina escolar e documentos oficiais, como LDB e PCN's. As letras maiúsculas são recursos gráficos usados para dois grandes propósitos: assinalar o início de um período e dar destaque a uma palavra.

Sendo assim, seu uso no texto ocorreu conforme as regras gramaticais e causou também um efeito estilístico: informar o início de um enunciado, contrastando com o ponto final, destacar palavra ou instituições ao mesmo tempo que também as individualiza. As letras maiúsculas dão visibilidade às palavras e, no texto aqui analisado, esse recurso cumpriu o seu efeito.

Recursos de Pontuação: Quanto à pontuação usada no texto retextualizado, destacamos primeiro o uso da vírgula, em especial dois efeitos produzidos por esse recurso: primeiro, notamos que seu uso, em algumas passagens, provoca um efeito de reforçar e enfatizar uma informação, como nesse exemplo:

Ex.: *A partir dos anos oitenta a disciplina de arte se transformou numa disciplina séria, com uma área de conhecimento, isso está na LDB, está nos PCN's Artes.*

Percebemos, que somos obrigados a pausar a cada vírgula como uma forma de causar no leitor uma reflexão, chamar a atenção do leitor, o que sem o uso da vírgula poderia passar despercebido.

O uso da vírgula no texto também produz, em algumas passagens, a pausa entre o falar e o pensar do entrevistado, como no exemplo seguinte:

Ex.:*Eu me formei em 2013, ingressei no concurso da Seduc, ministrava aula no curso de Pedagogia da UECE, na disciplina de Arte e Educação, então... eu tenho experiência no ensino superior, educação especial, agora no ensino médio e fundamental.*

Com essas observações, finalizamos a análise da entrevista quatro e seguimos para a entrevista cinco. Vejamos a transcrição, retextualização e análise seguinte.

4.5 ANÁLISE DA ENTREVISTA V

Transcrição da entrevista V

Entrevistador: Bom dia... vamos entrevistar agora o professor... Matias da escola Aloysio Barros bal... Professor Matias... qual a importância da leitura na formação do aluno?

Entrevistado: A leitura ela é a base de tudo () sem a leitura não há... não se aprofunde nada... não se faz nada... não se vai para lugar algum... então o aluno que não sabe ler... a pessoa que não sabe ler não sabe aprender... não dá para aprender, sem leitura interessa saber... que a escola primeiro... ensine o aluno a ler a leitura que vai para além da ensino de gramática do () de português é o temo compreensão de todo tipo de texto... então... é importante que a gente tenha essa compreensão de que o aluno só aprende se ele sabe ler e como um instrumento de aquisição da cultura

Entrevistador: bom... a escola preveia é... obrigação da escola ensinar como eu respondi anteriormente o aluno a ler... ler o mundo ler a vida ler as coisas aprender que tudo é leitura é só uma parte disso universo mais amplo do campo da leitura então é necessário que a escola dê um passo a frente... ensine o aluno esse... essa amplitude do conceito de leitura

kajoma

Entrevistador: e na sua opinião... que fatores influem na falta de interesse dos alunos em geral pela leitura?

Entrevistado: O nosso país é um país de pessoas que não LEM... primeiro... (a cultura já se perdeu na... identidade brasileira de que o brasileiro é uma pessoa que não lê... então já ficou arraigado já está... como se fosse a... parecido como futebol todo brasileiro gosta de samba, todo brasileiro gosta de praia todo brasileiro Não gosta de ler (a) já se criou nesse sentido... na escola trata a leitura como obrigação... uma obrigação... tira o prazer... tira a condição da leitura... isso também influencia... mas também tem a questão mercadológica da... do custo do livro... o livro ainda é um material muito caro ele ainda é um objeto de consumo caro no nosso país então essas questões somadas... faz com que o brasileiro realmente tenha esse déficit de leitura

Entrevistador: e os livros didáticos... ajuda a incentivar o gosto pela leitura?

Entrevistado: alguns... Sim... outros não éh... os livros didáticos ainda são muito baseados pautados no que se acabou de dizer... na questão da leitura como obrigação tem que ler... pra

kajomã

linear... não para se encontrar não para...
 descrever outras realidades... se ler para
 fazer uma prova... ler para conhecer uma
 época... um estilo literário e isso acaba
 de invés de ajudar (?) hoje não fazemos,
 alguns didáticos que assinalam um certo
 horizonte nesse horizonte mesmo que o alu-
 mo ler... para conhecer literatura e pra...
 aprender a se ver nas letras

Entrevistador: bom... a última pergunta
 livros como Harry Potter... A culpa é das
 estrelas... ladras de raiz e outros dessa
 linha... deve ser adotados na escola? ♥

Entrevistado: Sim... devem estar nas bi-
 bliotecas devem ser recomendados devem ser
 propostos porque... facilitam o acesso ao
 mundo da literatura... tudo que leva o alu-
 mo a ler... é válido... a gente não pode
 pautar (?) o valor literário ah... isso não
 é literatura isso é literatura... isso aqui
 é baixo literatura isso é literatura popu-
 lar isso é (?) isso é... não deve ser na es-
 cola pelo contrário (?) tem que ser incen-
 tivado a literatura (?) de... desses livros

Entrevistador: obrigado pela sua
 atenção

Retextualização da entrevista V

Entrevistador: Bom dia, vamos entrevistar agora o professor Matias da escola Aluísio Carrius Leal. Professor Matias, qual a importância da leitura na formação do aluno?

Entrevistado: Na leitura está a base de tudo. A leitura é necessária para que o aluno aprenda e essa tarefa vai além do ensino da gramática do Português. A responsabilidade do ensino da leitura está vinculada à escola que leva ao aluno a importância da leitura.

Entrevistador: Bom, a escola deve incentivar todo tipo de leitura ou especificamente a leitura de texto literário?

Entrevistado: A escola tem como responsabilidade ensinar o aluno a ler. O aluno precisa aprender que tudo é literário e o papel da escola dá um passo a frente no ensino de leitura.

Entrevistador: Na sua opinião, que fatores influem na falta de interesse dos alunos na leitura?

Entrevistado: Estamos num país de pessoas que não lêem... isso é também causado por uma influência cultural e culturalmente é alimentada pela escola quando impõe ao aluno, a leitura como obrigação tirando o prazer de ler.

Recursos de Oralidade: Lendo o texto retextualizado, notamos sempre a presença da palavra **leitura**. Isso é uma marca de oralidade já comentada em textos anteriores e que, quando adequadamente usada, não produz um efeito negativo.

Notamos que no texto esse recurso poderia ser melhorado, como mostraremos a seguir um trecho dessa ocorrência:

Ex.: Na **leitura** está a base de tudo. A **leitura** é necessário para que o aluno aprenda e essa tarefa vai além do ensino da Gramática e do Português. A responsabilidade do ensino da **leitura** está vinculada à escola que leva ao aluno a importância da **leitura**.

A insistência dessa palavra deixa o texto cansativo e pobre, no entanto, é normal na fala usarmos mais de uma vez a palavra sobre a qual está discorrendo o tema. Entendemos que a palavra **leitura** explicita o tema em questão, por isso, a sua permanência no texto inteiro, para marcar a continuidade do mesmo tema. Nota-se, inclusive, que ela abre o parágrafo e também termina, dando a entender que é uma palavra núcleo.

Disposição do Parágrafo: Percebemos, no texto em análise, que a extensão dos parágrafos formados delimita bastante o assunto em questão. Na transcrição, o assunto do texto se estende bastante; quando passado para a retextualização, os parágrafos são bem curtos. Isso pode ser um ponto positivo na medida em que um bloco de texto mais curto facilita a passagem para a outra linha seguinte.

Vemos que a apresentação gráfica está bem dividida, os parágrafos não ultrapassam mais do que três linhas. Inconscientemente, o leitor já cria um ritmo de leitura. Quando vemos um quadro, uma fotografia ou uma pintura, temos uma “liberdade” de como vamos digeri-los. Já quando estamos diante de um texto escrito, o autor acaba impondo a ordem pela qual o leitor procederá a leitura.

Emprego de Letras Maiúsculas: Terminamos a seção anterior, afirmando que, o autor, através da organização gráfica, acaba impondo a maneira de como o leitor irá percorrer a leitura de um texto, no entanto, no caso das letras maiúsculas, as próprias regras gramaticais já dão uma conotação semântica para esse tipo de letra. Iremos reforçar essa afirmação com os seguintes exemplos do texto:

Ex.1: bom, a escola deve incentivar todo tipo de leitura ou especificamente a leitura do texto **literário**?

Ex.2: bom dia, vamos entrevistar agora o professor Matias da **Escola** Aloysio Barros Leal. Professor Matias,

Observamos que ao grafar a palavra escola com letra minúscula, entendemos que pode ser qualquer escola. No entanto, quando, no exemplo dois, a

mesma palavra é iniciada com letra maiúscula, entendemos que não é qualquer escola, a letra maiúscula individualiza, dá uma importância a mais ao termo escola. Assim, concluímos que, por trás das regras da gramática, há uma razão semântica, pela opção de usar um tipo de letra e não outra.

Recursos de Pontuação: No texto da entrevista V, temos uma pontuação equilibrada, ou seja, não houve excesso de vírgulas, pontos finais, pontos de exclamação nem de outro sinal. As frases não vão se alongando exageradamente, há uma alternância em cada fala do entrevistado: ele inicia a resposta com uma frase relativamente pequena e a seguinte é sempre maior.

Essa organização de frases influi para uma pontuação equilibrada criando um ritmo também equilibrado, sem um andamento rápido para quem ler. Notamos que as vírgulas, por exemplo, são poucas, mas, mesmo assim, não chegam a dificultar a compreensão e nem deixam as informações passarem despercebidas. Isso sugere que quem escreveu teve o cuidado de usar uma pontuação adequada para obter um texto claro e objetivo.

4.6 ANÁLISE DA ENTREVISTA VI

Transcrição da Entrevista VI

Entrevistador: boa tarde... vamos entrevistar o professor Júnior do laboratório de informática... professor... qual o papel das tecnologias... da comunicação no processo de ensino e aprendizagem dos alunos?

Entrevistado: boa tarde... eu acredito que seja ajudar né né na melhoria desse processo... eh... transformando as relações entre o professor e os alunos no mundo digital... que hoje em dia está MUITO avançado facilitando... todo esse processo que a gente tem na escola e dentro da sala

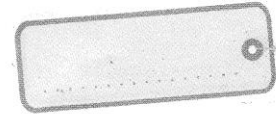
Entrevistador: professor... quais os recursos... tecnológicos disponíveis na escola?

Entrevistado: bom... na escola aqui nós temos... computadores... nós temos internet... nós temos os dvd's... temos tv's temos data show para apresentações e... temos também... o uso de tablets () pelos professores

Entrevistador: éh :: professor... esses recursos são bem utilizados no dia a dia da escola?

Entrevistado: bom ::: na medida do possível... Sim né? quando a gente... tenta... éh... primeiro... fazer com que as coisas funcionem... mas... não... não... vou dizer que cem por cento... até porque as

kajoma



escolas as escolas ainda estão envolvendo nesse setor né? ainda tem um processo de aprendizagem por parte de todos que estão envolvidos nesse...
 nesse... nesse conjunto... então na medida do possível são bem utilizados sim

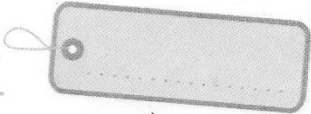
Entrevistador: professor... quais os pontos positivos dos dics na educação?

Entrevistador: bem... pra começar é... a grande ampliação do que o aluno pode encontrar dentro das tecnologias né? o mundo de pesquisa né?... as atividades que a tecnologia tem pro aluno dele ter uma forma dele entrar num mundo diferente...
 eu acredito que... eu posso falar aqui milhares de pontos positivos mas acho que os mais importantes também seja a na da aprimoração do ensino né? por parte do professor... quando ele utiliza a tecnologia o aluno se sente mais atraído em aprender né?... eu acredito que... muitos pontos positivos tem... mais assim... os dos... mais importantes são esses.

Entrevistador: e... quais os pontos negativos... do uso das tics na educação?

Entrevistador: eu vejo como o principal ponto negativo... é a falta de formação para o uso deles... né? eu acho que precisa ter um ter ter capacitações para professores pra ele utilizar as tics e saberem repassar para os alunos... porque eles estão dando

kajoma



aula se enquanto não houver isso... a escola não
acompanhar esse processo... vai ter sempre esse
ponto principal como sendo negativo

Entrevistador: tá... obrigado pela entrevista

Entrevistado: tá... obrigado também

Retextualização da Entrevista VI

Entrevistador: Boa tarde, a entrevista agora é com o professor Júnior, do Laboratório de Informática professor, qual o papel das tecnologias da comunicação no processo de ensino e aprendizagem dos alunos?

Entrevistado: Boa tarde, eu acredito que seja ajudar na melhoria desse processo... transformando as relações entre o professor e os alunos no mundo digital, que hoje em dia está "muito" avançado e facilitando todo esse processo que a gente tem dentro da escola e dentro da sala.

Entrevistador: Professor, quais os recursos tecnológicos disponíveis na escola?

Entrevistado: Nós temos na escola: computadores, internet, dvd's, tv's, data show para apresentações e temos também tablets.

Entrevistador: Esses recursos são utilizados no dia a dia da escola?

Entrevistado: Na medida do possível... sim. Principalmente quando a gente faz com que as coisas funcionem. Não vou dizer que cem por cento porque a maioria das escolas ainda estão evoluindo, nem todos os professores sabem ainda usar o computador.

Entrevistador: Quais os pontos positivos

kajoma

das tic's na educação?

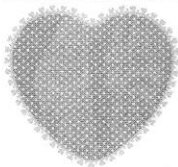
Entrevistado: As grandes possibilidades que o aluno pode encontrar no mundo das tecnologias. As pesquisas, as atividades, o mundo diferente, mas eu acho que o mais importante é a aprimoração do ensino e o aluno sente mais atraído em aprender. Esses eu acho os mais importantes.

Entrevistador: quais os pontos negativos do uso das tic's na educação?

Entrevistado: Eu acho que o principal ponto negativo é a falta de formação para o uso delas. Está faltando mais capacitações para os professores para eles saberem usar as tic's e saberem repassar para os alunos. Se não fizer isso a escola não acompanha esse processo.

Entrevistador: Obrigado pela entrevista.

Entrevistado: Obrigado também.



Recursos de Oralidade: Destacamos no texto, algumas palavras e expressões que denotam marca de oralidade como: **pra, a entrevista agora é, eu acho, se não fizer isso e não vou dizer que**. Observamos, por exemplo, que as expressões **a entrevista agora é** e **não vou dizer que** causam a impressão de que o autor está conversando com o leitor, sendo assim, uma marca de oralidade. Temos ainda a redução do vocábulo **para** muito comum na linguagem coloquial.

Vergeze e Nogueira(2005) defendem que há gêneros textuais que apresentam maior proximidade entre fala e escrita, quase uma mescla. No gênero textual entrevista, apresentado neste trabalho, percebemos essa proximidade entre fala e escrita. O fato de termos uma entrevista gravada, transcrita e retextualizada influencia ainda mais para que essas marcas de oralidade sejam percebidas não só neste texto, mas em todos os outros presentes nesta análise.

Disposição do Parágrafo: No texto da entrevista VI, os parágrafos são curtos o que vai acarretar uma leitura rápida, porque haverá frequentes mudanças de parágrafos. Da mesma forma, para desacelerar uma leitura rápida é preciso diminuir a frequência de mudanças. No entanto, há conteúdos que exigem parágrafos curtos ou longos.

Assim, os parágrafos curtos, à primeira vista, são mais convidativos, pois agilizam a leitura. Vejamos um exemplo retirado do texto da entrevista VI para reforçar a afirmação acima. Nele, observamos que a pergunta é objetiva e o assunto não requer uma resposta detalhada. O restante do texto se prolonga nesse estilo de pergunta, gerando respostas também objetivas, rápidas. Realmente, o conteúdo exerce uma influência no estilo do parágrafo e esse, por sua vez, influencia no andamento da leitura.

Ex.: *Entrevistador: Quais os pontos positivos das TIC's na educação?*

Entrevistado: As grandes possibilidades que o aluno pode encontrar no mundo das tecnologias. As pesquisas, as atividades, o mundo diferente, mas eu acho que o mais importante é a aprimoração do ensino e o aluno sente mais atraído em aprender. Esses eu acho os mais importantes.

Emprego de Letras Maiúsculas: Neste texto, as letras maiúsculas foram usadas em todo início de período, na inicial do nome do entrevistado, e nos termos: Laboratório de Informática e Tecnologias da Comunicação. Em todas essas ocorrências, esse recurso de letras maiúsculas tem a função de individualizar e ressaltar esses termos, distinguindo-os das demais palavras no texto.

Ao grafar a inicial maiúscula do nome do entrevistado, nós o individualizamos, distinguimos um substantivo próprio de um comum. O mesmo raciocínio serve para justificar semanticamente o uso das maiúsculas na expressão Laboratório de Informática. Quando escrevemos Tecnologias da Comunicação, as maiúsculas empregadas conseguem dar uma menor extensão ao termo e uma maior compreensão do que se fosse grafada com letras minúsculas.

Recursos de Pontuação: Nessa retextualização, apareceram sinais não usados nos textos anteriores que são: **as aspas, as reticências e os dois pontos**. De um modo geral, poucos alunos utilizam esses recursos em suas produções. Sendo assim, teceremos alguns comentários sobre cada um desses sinais. Iniciaremos com o uso das aspas. O autor do texto a utiliza como na passagem abaixo:

Ex.: *Transformando as relações entre o professor e os alunos no mundo digital, que hoje em dia está “muito” avançado...*

O recurso das aspas empregado nos remete a uma crítica, ou seja, o mundo digital está “muito” avançado entre aspas. Levando em conta o contexto escolar em que a entrevista foi realizada, a tecnologia realmente está muito avançada, mas não como ferramenta pedagógica naquela escola ou tão avançado como deveria ser. As aspas nos impulsionam a considerar essa informação como uma crítica. Seguiremos com o exemplo seguinte sobre as reticências:

Ex.: *Boa tarde, eu acredito que seja ajudar na melhora desse processo... transformando as relações entre o professor e os alunos no mundo digital.*

As reticências indicam uma breve passagem de tempo, uma maneira de comunicar que o tempo está passando na narrativa. O seu uso desacelera o ritmo do texto e o autor do texto em análise aproveitou bem esse recurso, que, como já foi dito, pouco é utilizado nos textos escolares. Isso denota também que, ao passar fala para escrita, o escritor mais atento, sente a necessidade de usar, em determinadas ocasiões, outros sinais de pontuação a fim de transmitir melhor o que ele escutou. Vejamos mais um sinal, os dois pontos:

Ex.: *Nós temos na escola: computadores, internet, dvd's, tv's, data show para apresentações e temos também tablets*

Observamos que graficamente esse sinal nos dá uma ideia de marco divisório, a forma visual com que aparece no texto. No entanto, ao lermos o conteúdo de uma frase utilizando os dois pontos, como usado no exemplo, entendemos que ele nos remete a uma revelação, ou seja, o texto que o sucede atende a uma expectativa. Sem dúvida, esse sinal é fortemente visual, ajuda a distinguir de imediato as duas partes da frase.

4.7 ANÁLISE DA ENTREVISTA VII

Transcrição da Entrevista VII

Entrevistador: bom dia... nós estamos aqui para entrevista a professora Rosilene de geografia... da escola Sloysio Barros Real... professora... há quanto tempo a senhora leciona geografia?

Entrevistado: desde 2005.

Entrevistador: qual a importância da disciplina de geografia no currículo escolar?

Entrevistado: olha... eu acredito que a geografia... ela consegue oferecer o aluno uma visão... da espacialidade dos fenômenos né? éh... permite com que o aluno utilize os conhecimentos da geografia para entender a sua cidade... o seu bairro... o... o... o tempo atmosférico... o ambiente que o cerca em todos os seus aspectos.

Entrevistador: o ensino de geografia atualmente é diferente do ensino de décadas atrás?

Entrevistado: acredito que sim... acho que a formação do profissional de geografia tem mudado... primeiro a... a maior quantidade de disciplinas pedagógicas e a maior carga horária de dos estágios... foi com que esse profissional saia da faculdade... com... ferramentas com outro olhar da escola e... pra... ele... ele chega na escola e muda um pouco a prática de algumas décadas de uma disciplina que era de memorização... de... de decorar determinados fatos... nomes... e conceitos

kajoma

Entrevistador: OK... na sua avaliação... como anda o ensino da geografia nas escolas públicas?

Entrevistado: eu acho que... atualmente... eu falo pelo ensino médio que é o nível em que eu tô atuando... a geografia ela eu trabalhar com mais ferramentas que ajudam a gente a visualizar a... a... a o espaço geográfico e aí eu falo do GPS... dos DRONES... dos VANTS... do sensoramento remoto... então eu acredito que a geografia mudou BASTANTE com a inserção dessas tecnologias na prática e além disso... éh... e as conexões que os professores têm feito... mais com o local... com o ambiente local do aluno... deixando a geografia um pouco mais próxima desse aluno... décadas atrás esse linking não era feito... então você via uma geografia muito distante de sua realidade... hoje eu acho que os professores... eles conseguem trabalhar geografia global e conectar com a geografia local que é o mais importante

Entrevistador: quanto ao ENEM... o ensino da geografia está atendendo a essa demanda?

Entrevistado: acho que... que... a geografia no ENEM... ela... só deixa desejar num aspecto... que é... trabalhar o Brasil... no geral... mas não focar determinadas coisas do do regional... eu acho que a geografia... ela é uma geografia geral... nacional... mas ela também tem que ser trabalhada do ponto de vista regional... porque o Brasil ele é enorme... e o ENEM ele é

uma prova nacional... então dentro do ENEM...
dentro da prova de geografia do ENEM... há de se
considerar essas diferenças regionais... que estão deixando
de lado... pra ser discutidas apenas
questões nacionais mais EXISTEM... peculiaridades
regionais que devem ser colocadas no ENEM... a única
reserva que eu faço quanto a geografia que é
abordada no ENEM

Entrevistador: OK professora... obrigado

Retextualização da Entrevista VII

Entrevistador: bom dia, nós estamos com a professora Ronilene de geografia, professora a quanto tempo a senhora leciona geografia?

Entrevistado: desde 2005.

Entrevistador: qual a importância da disciplina de geografia no currículo escolar?

Entrevistado: a geografia consegue oferecer o aluno uma visão de espacialidade dos fenômenos, permite com que o aluno utilize os conhecimentos da geografia para entender a sua cidade e seu bairro, o tempo atmosférico e o ambiente que o cerca em todos os seus aspectos.

Entrevistador: o ensino de geografia atualmente é diferente do ensino de décadas atrás?

Entrevistado: acredito que sim, acredito que a formação do profissional de geografia tem mudado. Primeiro a maior quantidade de disciplinas pedagógicas e a maior carga horária dos estágios faz com que esse profissional saia da faculdade com ferramentas outro olhar da escola e muda um pouco a prática de algumas décadas atrás, deixando a geografia tradicional um pouco mais de lado. Aquela visão de décadas de uma disciplina que era de memorização de decorar determinados fatos, nomes e

Conceitos.

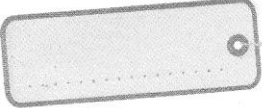
Entrevistador: na sua avaliação como anda o ensino da geografia nas escolas públicas?

Entrevistado: eu acho que atualmente eu falo pelo ensino médio que é o nível em que eu tô atuando a geografia está com mais ferramentas. Ampliou-se os recursos voltados para a geografia. As novas tecnologias que ajudam a gente a visualizar o espaço geográfico como o GPS, os DRONES, OS VANTS o sensoriamento remoto. Eu acho que a geografia mudou bastante com a inserção dessas tecnologias na prática além disso as conexões que os professores têm feito mais com o local do aluno deixando a geografia um pouco mais próxima desse aluno. Décadas atrás esse linking não era feito. Você via uma geografia muito distante de sua realidade hoje eu acho que os professores conseguem trabalhar geografia global e conectar com a geografia local que é o mais importante.

Entrevistador: quanto ao ENEM o ensino de geografia está atendendo a essa demanda?

Entrevistado: eu acho que a geografia no ENEM só deixa de se ver num aspecto que é trabalhar o Brasil no geral. Não focar determinadas coisas do regional. Eu acho que a geografia geral nacional também tem que ser trabalhada do ponto de vista regional porque o Brasil ele é enorme e o ENEM ele é uma

kajoma



prova nacional. Então dentro do ENEM dentro da prova de geografia do ENEM há de se considerar essas diferenças regionais que estão sendo deixadas de lado pra ser discutidas apenas questões nacionais mais existem peculiaridades regionais que devem ser colocadas no ENEM a única ressalva que eu faço quanto a geografia que é abordada no ENEM.

Entrevistador: obrigado.

Recursos de Oralidade: Várias expressões do uso coloquial podem ser identificadas no texto da entrevista VII. Expressões como: **eu acho, acredito que sim, eu falo, você via** e algumas palavras reduzidas como: **tou** e **a(há)**. O *continuum* que há entre fala e escrita torna o texto oral e o escrito híbridos. Assim, não há um texto que mostre uma escrita pura, sem marcas de fala, principalmente uma produção textual elaborada por estudante de Ensino Fundamental, pois a variedade linguística usada na escola é bem próxima da fala deles.

Outro aspecto de oralidade destacado no texto é a repetição. Como já foi mencionado anteriormente, esse recurso de repetição pode exercer uma função textual, em outras palavras, ela pode ter um propósito discursivo dentro do texto. No exemplo que iremos mostrar a seguir, vemos um exemplo de repetição muito típico da fala. Observamos ainda que o texto retextualizado apresenta pouca mudança no léxico e as estruturas do texto inicial foram mantidas. Isso nos faz concluir, ainda, que o autor da retextualização apresenta pouco domínio da escrita, pois o recurso da repetição, nesse caso, não foi funcional.

Ex.: porque **o Brasil ele** é enorme e **o ENEM ele** é uma prova nacional.

Disposição do Parágrafo: O recuo de um parágrafo indica também um sinal de controle, pois definirá o tamanho do texto e, nesse sentido, entra a questão da uniformidade. No texto, temos parágrafos formados com três a oito linhas. Há uma progressão do número de períodos ao longo do texto. Ele inicia com parágrafos pequenos e vai progressivamente aumentando o número de linhas. Isso pode ser entendido também como uma progressão na fala da entrevistada.

À medida que a entrevistada se expande mais na conversa, há o aumento de linhas na escrita. Tal mudança causa um impacto no leitor, pois altera o ritmo da leitura. Especialmente no texto em análise, isso se torna mais brusco pelo fato de não haver vírgulas onde seria conveniente colocar. Assim, a falta de uniformidade dos parágrafos e a ausência de vírgulas fazem com que a leitura seja “desenfreada.” As ênfases dadas pela entrevistada se perderam porque não houve o recurso da vírgula.

Emprego de Letras Maiúsculas: No texto temos quatro ocorrências de uso de letras maiúsculas: na indicação de nome de pessoa, nas siglas GPS e ENEM e no início de frases. Podemos observar que nos dois primeiros casos, o uso das letras maiúsculas está atrelado a um sentido de individualização e importância.

Segundo Simões (2009), o uso das letras maiúsculas indica importância, reverência, autoridade ou individualização na perspectiva semiótico-funcional.

Por outro lado, o uso de maiúsculas no início das frases nos dá uma conotação de limites: é o início de um enunciado, assim como o ponto final vai indicar o final. Ou seja, o símbolo da letra maiúscula, iniciando uma frase, tem um sentido inverso ao ponto final. Na prática sabemos disso, mas somos mais ligados às regras gramaticais no sentido de decorá-las e não de refletir sobre o seu uso.

Recurso de Pontuação: Quanto à pontuação, o recurso usado no texto foi o ponto final e duas vezes a vírgula ao longo de todo o texto. A escassez de vírgula altera o sentido do texto, o ritmo da leitura e dificulta por completo o entendimento do texto. Vejamos um exemplo em que a falta de vírgulas causa a dificuldade de compreensão e acelera o ritmo da leitura. Se considerarmos que no texto inteiro há falta de vírgula, podemos imaginar o quanto a compreensão foi atingida.

Ex.: Entrevistador: qual a importância da disciplina de geografia no currículo escolar?

Entrevistado: a geografia consegue oferecer o aluno uma visão de espacialidade dos fenômenos permite com que o aluno utilize os conhecimentos da geografia para entender a sua cidade o seu bairro o tempo atmosférico o ambiente que o cerca em todos os seus aspectos.

Em contrapartida, quando lemos a transcrição desse texto, notamos que a fala da entrevistada é marcada por pausas, dando a entender que o ritmo era lento. A explicação para a retextualização ter sido escrita sem vírgula pode ser a falta de domínio do autor do texto em usar os sinais de pontuação, principalmente, a vírgula que tem como principal função a de esclarecer os enunciados, marcando as pequenas paradas dentro de um texto.

3.8 ANÁLISE DA ENTREVISTA VIII

Transcrição da Entrevista VIII

Entrevistador: bom dia... estamos aqui com a professora Marceza... professora de história da escola Aloysio Barros Leal... há quanto tempo a senhora leciona história?

Entrevistado: história... desde 2001... quatorze anos

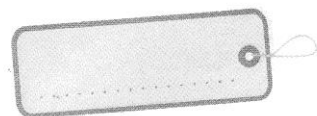
Entrevistador: qual... qual a importância da disciplina... de história... no currículo escolar?

Entrevistado: ela é essencial para formar o cidadão integral... porque ela busca... os conhecimentos de um passado... pra que a gente compreenda o presente e tente transformar éh... problemas né? solucionar... buscar soluções pros problemas atuais... ela é essencial no sentido de... éh... ajudar a melhorar a sociedade... já que transforma o ser humano em um ser humano integral... socialmente.

Entrevistador: assim... na sua avaliação... como anda o ensino de história nas escolas públicas?

Entrevistado: eu acho que o que... mais prejudica é a quantidade de horas aulas... são muito poucas... pra... gente lecionar todos os conteúdos éh... sinto falta também de aulas de cam... po... onde a gente possa conhecer um pouco mais da... dos aspectos que fazem parte da história como visitar museus... visitar a sítios arqueológicos... então eu acho que o que falta no ensino público é isso... essa estrutura... mas em relação assim... a

kajoma



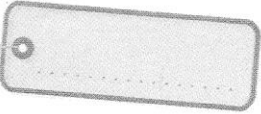
material didático não deixa a desejar as escolas particulares porque os mesmos livros que a gente utiliza são os mesmos livros usados por essas escolas e...

... assim... a gente tem condições de desenvolver... trabalhos importantes... acho que é mais a questão mesmo da estrutura: na se tivesse mais oportunidade da gente sair mais da escola e interagir mais com o campo da escola seria... bem melhor... mais acredito que a gente vai chegar lá porque muita coisa já mudou então... eu penso né? que vá melhorar mais eu acredito que a gente vai chegar lá porque muita coisa já mudou então... eu penso né? que vá melhorar

Entrevistador: e... quanto ao ENEM... o ensino de história... está atendendo a... essa demanda?

Entrevistado: eu acredito que sim... o ensino de história do... as avaliações do ENEM... elas puxam muito pra o lado crítico do aluno... então se ela puxa pro lado crítico é porque ela quer que o aluno tenha lá: não somente aquele conteúdo do livro em si que são só reparados... que o conteúdo do livro ele é uma base... a partir dele da base que a gente tem a gente tem que ir pro campo conhecer o que realmente está dito lá nos livros... e eu acho que o ENEM... é uma forma de... de... fazer^{de} estimular para que essas... essas... escolas... não só as públicas mas também as escolas particulares estimulem cada vez mais os alunos... nesse sentido no sentido de transformá-los mais críticos... de conhecerem mais a sociedade... de participarem mais da vida política da vida econômica de um país... então é importante que o ENEM estimule isso... porque a partir do momento que o ENEM estimula isso...

kajoma



as escolas vão ter que se adaptar para poder se adequar a nova realidade

Entrevistador: gostaria... gostaria de agradecer a professora Marceza e todos tenham um bom dia

Entrevistado: bom dia

Retextualização da Entrevista VIII

Entrevistador: bom dia, estamos aqui com a professora de história Marceza da escola Aloysio Barros Leal. Há quanto tempo a senhora leciona História?

Entrevistada: desde 2001, quatorze anos.

Entrevistador: qual a importância da disciplina de história no currículo escolar?

Entrevistada: ela é essencial para formar o cidadão integral porque ela busca os conhecimentos de um passado para que a gente compreenda o presente e tente transformar problemas e buscar soluções para problemas atuais. Ela é essencial no sentido de ajudar a melhorar a sociedade já que transforma o ser humano em um ser humano integral socialmente.

Entrevistador: na sua opinião, o ensino de história atualmente é diferente do ensino de décadas atrás?

Entrevistada: sim, hoje o ensino de história é mais participativo e consegue de uma certa forma interagir os alunos com os contextos históricos da realidade deles então houve uma melhora significativa fazendo com que os alunos sejam cada vez mais críticos. O ensino de história tem possibilitado isso.

Entrevistador: na sua avaliação como anda o ensino de história nas escolas públicas?

Entrevistador: eu acho que o que mais prejudica é a quantidade de horas aulas que são muito poucas para

kajoma

lecionar todos os conteúdos sinto falta também de aulas de campo onde a gente possa conhecer um pouco mais dos aspectos que fazem parte da história como visitar museus visitar sítios arqueológicos mas em relação assim ao material didático não deixa a desejar as escolas particulares porque os mesmos livros que a gente utiliza são os mesmos livros usados por essas escolas e assim a gente tem condições de desenvolver trabalhos importantes. É mais a questão mesmo da estrutura porque se tivesse mais oportunidade da gente sair da escola e interagir mais com o campo da escola seria bem melhor mas eu acredito que a gente vai chegar lá porque muita coisa já mudou.

Entrevistador: O ensino de história está atendendo a demanda do ENEM?

Entrevistada: eu acredito que sim. As avaliações do ENEM puxam para o lado crítico do aluno então é porque ele quer que o aluno tenha não somente aquele conteúdo do livro em si que não repassados. O conteúdo do livro é uma base, a partir dele é que a gente tem que ir pro campo conhecer o que realmente está dito lá nos livros. Eu acho que o ENEM é uma forma de estimular para que essas escolas não só as públicas mas também as escolas particulares estimulem cada vez mais os alunos nesse sentido, no sentido de transformá-los mais críticos de conhecerem mais a sociedade de participarem mais da vida política da vida econômica de um país. Então é importante que o ENEM estimule isso porque a partir do momento que o ENEM estimula isso as escolas vão ter que mudar pra poder se adequar a nova realidade.

Entrevistador: gostaria de agradecer a professora Marcega.

kajoma

Recursos de Oralidade: A escrita do texto da entrevista VIII é marcada pelas marcas de oralidade, sobretudo as repetições. A linguagem empregada é aquela bem próxima do falar coloquial. O autor não deu à fala um formato de texto escrito, assim, sentimos a falta de um domínio da escrita, da substituição do léxico e de ordenamento de assuntos por parte do retextualizador. Vejamos um exemplo que demonstra a afirmação acima:

*Ex.: Entrevistada: **ela** é essencial para formar o cidadão integral porque **ela** busca os conhecimentos de um passado para que a gente compreenda o presente e tente transformar **problemas** e buscar soluções para **problemas** atuais. Ela é essencial no sentido de ajudar a melhorar a sociedade já que transforma o **ser humano** em um **ser humano** integral socialmente.*

Há ainda no texto muitas expressões da fala, evidenciando pouca alteração do texto-base para o texto-alvo. Há muita coisa que seria conveniente modificar ao passar para o texto escrito como: a estrutura das frases, o número de períodos nos parágrafos, as mudanças lexicais para citar alguns. Dessa forma, uma reorganização no texto, eliminaria as repetições desnecessárias na escrita.

Disposição do Parágrafo: O recuo de parágrafos é feito, mas de maneira muito disforme, deixando o desenho gráfico do texto desordenado. Vemos que falta um planejamento de escrita ao elaborar o texto da fala da entrevistadora. Nas duas últimas perguntas, a entrevistada se estende bastante nas respostas, o que causa um parágrafo maior do que os anteriores. Assim, percebemos que faltou uma maior atenção por parte do autor em adaptar o texto da transcrição ao texto retextualizado.

Sabemos que retextualizar é, antes de tudo, entender um texto para planejar um outro, num formato diferente e mantendo o mesmo conteúdo. Por isso, essa atividade exige reflexão, conhecimento da estrutura do gênero textual que se pretende trabalhar e todos os conhecimentos necessários para a escrita do novo texto. É uma atividade de construção.

Emprego de Letras Maiúsculas: As letras maiúsculas foram empregadas no texto da entrevista VIII em quatro ocorrências: nos nomes próprios de pessoas e da escola mencionada no texto, para a indicação da sigla ENEM e no início das frases. Como já mencionado anteriormente, no texto VII, as letras maiúsculas agem no texto muitas vezes, dando um sentido de individualidade, distinguindo o substantivo próprio do comum.

Quando essas letras fazem essa separação, é como se a palavra grafada com letra maiúscula adquirisse uma menor extensão de sentido e maior compreensão, como: ao escrever **escola** temos uma maior extensão no sentido dessa palavra na medida em que pode ser qualquer escola. Temos ainda uma menor compreensão, pois o termo está vago, não foi definido. Quando escrevemos **Escola**, temos o sentido inverso: menor extensão e maior compreensão.

Recursos de Pontuação: Podemos observar que os sinais empregados no texto são aqueles mais frequentes nas produções dos alunos: o ponto final, a vírgula, além do ponto de interrogação nas perguntas. Foi usada, então, uma pontuação já previsível, porém, com uma escassez do emprego da vírgula, originando frases longas com sentido confuso. Mesmo usando os pontos finais, o texto perde muito da sua expressividade com a ausência das vírgulas. No exemplo abaixo, retirado do texto, podemos constatar a afirmação:

Ex.: : eu acho que o que mais prejudica é a quantidade de horas aulas que são muito poucas para lecionar todos os conteúdos sinto falta também de aulas de campo onde a gente possa conhecer um pouco mais dos aspectos que fazem parte da história como visitar museus visitar a sítios arqueológicos mas em relação assim ao material didático não deixa a desejar as escolas particulares porque os mesmos livros que a gente utiliza são os mesmos livros usados por essas escolas e assim a gente tem condições de desenvolver trabalhos importantes. É mais a questão mesmo da estrutura porque se tivesse mais oportunidade da gente sair da escola e interagir mais com o campo da escola seria bem melhor mas eu acredito que a gente vai chegar lá porque muita coisa já mudou.

Sabemos que todo texto tem um ritmo que é definido pela pontuação. Sendo assim, o texto da entrevista VIII apresenta toda a aceleração que um texto sem vírgula pode ter. Sendo a vírgula o “quebra-molas” da pontuação, a que controla o fluxo, o ritmo do texto, sua ausência dificulta a compreensão, como no exemplo abaixo, retirado do texto em análise:

Ex.: *Entrevistado: eu acho que o que mais prejudica é a quantidade de horas aulas que são muito poucas para lecionar todos os conteúdos sinto falta também de aulas de campo onde a gente possa conhecer um pouco mais dos aspectos que fazem parte da história como visitar museus visitar a sítios arqueológicos mas em relação assim ao material didático não deixa a desejar as escolas particulares porque os mesmos livros que a gente utiliza são os mesmos livros usados por essas escolas e assim a gente tem condições de desenvolver trabalhos importantes. É mais a questão mesmo da estrutura porque se tivesse mais oportunidade da gente sair da escola e interagir mais com o campo da escola seria bem melhor mas eu acredito que a gente vai chegar lá porque muita coisa já mudou.*

Pela leitura do fragmento acima, verificamos que ele apresenta toda a aceleração que um texto sem vírgula pode ter. Sendo a vírgula o “quebra-molas” da pontuação, a que controla o fluxo, o ritmo do texto, sua ausência dificulta a compreensão. Lukeman (2011) afirma que a pontuação é a música da língua. Se

falhamos nesse aspecto, ocorrerá uma desarmonia, pois, todo texto tem um ritmo que é definido pela pontuação.

4.9 ANÁLISE DA ENTREVISTA IX

Transcrição da Entrevista IX

Entrevistador: bom dia... vamos entrevistar a professora Irene... a senhora é professora a quanto tempo?

Entrevistado: sou professora... a dezito anos

Entrevistador: o que é ser professora... para a senhora?

Entrevistado: ser professora... para mim... faz parte da minha vida... éh... é algo assim... interno... me dá prazer né? Poder estar com o jovem... com o adolescente né? partilhar o conhecimento né? e também... vivenciar um pouco... aprender com ele... porque hoje a juventude a gente não só ensina... a gente também é né? você não é só mediador... você também faz parte... você aprende... o adolescente ele traz muita coisa nova... e a gente passa a conhecer esse jovem... a gente passa a partilhar todo o nosso conhecimento e nos fazemos também alunos... aprendizes como eles

Entrevistador: como... como professora... quais foram os aprendizados que lhe marcaram?

Entrevistado: o aprendizado que mais me marcou... éh... o que mais me marcou na educação... em todo esse meu... caminho é poder estar com esse aluno é... é... vivenciar... é aquela CONVERSA que pode fazer a diferença na vida de UM aluno... e que MAIS tarde você pode ver um resultado... você pode encontrar esse aluno e ele dizer... professora... eu estou aqui... então ESSA parte é a COISA que MAIS me marca em toda a minha vida como educadora

kajoma

Entrevistador: qual a sua opinião sobre a educação nos dias atuais?

Entrevistada: pode repetir?

Entrevistador: sim... qual a sua opinião sobre a educação nos dias atuais?

Entrevistada: a educação... nos dias atuais... para mim... ela vem precisando... éh... a cada dia mais ter uma evolução... porque hoje nós temos uma... um... um novo aluno em sala de aula... um aluno que ele tá ALÉM do que muitas vezes a escola traz... ele tá envolvido com a tecnologia... com a internet... ele tá conectado então ele precisa realmente de uma escola que esteja também acompanhando... então eu acho que nesse momento a educação ela precisa acompanhar ela precisa se voltar mais pra estar conectada... está... ter professores sempre aperfeiçoados pra... poder acompanhar toda essa evolução que... a tecnologia em si de um modo geral traz pra esses alunos

Entrevistador: a escola está acompanhando todas essas transformações sociais e tecnológicas?

Entrevistada: como eu disse né? agora há pouco realmente a educação a escola principalmente a escola pública do nosso país né? ela PRECISA realmente se adequar mais... nós vemos muitas deficiências muitas dificuldades então é preciso que o governo é preciso realmente que o nosso país ele se volte mais pra educação pra que a escola pública em prioridade que alcance toda a população possa realmente acolher esse...

kajoma

esse aluno e trazer pra ele realmente condições de
igualdade social pra que ele possa enfrentar uma
faculdade igualmente a todos os alunos que estão dentro
de uma escola éhiii:: particular

Entrevistador: obrigado... professora.

RETEXTUALIZAÇÃO DA ENTREVISTA IX

Entrevistador: bom dia, vamos entrevistar a professora Irene. A senhora é professora há quanto tempo?

Entrevistada: sou professora há dezoito anos.

Entrevistador: o que é ser professora para a senhora?

Entrevistada: ser professora para mim, faz parte da minha vida. É algo interno que me dá prazer. Poder estar com o jovem, com o adolescente, partilhar o conhecimento e também aprender com ele, (porque hoje a juventude também nos ensina muita coisa). Você não é só mediador, você aprende também com o adolescente porque ele traz muita coisa nova. Nós partilhamos esse conhecimento e nos fazemos também aluno, aprendizes como eles.

Entrevistador: quais os aprendizados que lhe marcaram como professora?

Entrevistada: é poder estar com esse aluno e vivenciar aquela CONVERSA que pode fazer a diferença na vida de um aluno e que mais tarde você pode ver um resultado. Você pode encontrar esse aluno e ele dizer:

- Professor, eu estou aqui!

Então ESSA é a COISA que MAIS me marca em toda a minha vida como educadora.

Entrevistador: qual a sua opinião sobre kajoma

a educação nos dias atuais?

Entrevistada: a educação nos dias atuais, na minha opinião, ela vem precisando a cada dia mais ter uma evolução porque hoje nós temos um novo aluno em sala de aula, um aluno que ele está ALEM do que muitas vezes a escola traz. Ele está envolvido com a tecnologia, com a internet, ele está conectado. Então ele precisa realmente de uma escola que esteja também acompanhando essa evolução. Eu acho que nesse momento a educação precisa acompanhar esse ritmo, precisa estar conectada e ter professores sempre aperfeiçoados também acompanhando toda essa evolução.

Entrevistador: a escola está acompanhando todas essas transformações sociais e tecnológicas?

Entrevistada: como eu disse a educação, (a escola, principalmente a escola pública do nosso país), ela precisa se adequar mais. Nós vemos muitas deficiências, muitas dificuldades, então é preciso que o governo ele se volte mais para a educação para que a escola pública acolha esse aluno dando pra ele condição de igualdade social e possibilite seus alunos a enfrentar uma faculdade igualmente com aqueles alunos que estão dentro de uma escola particular.

Entrevistador: obrigado, professora.

Recurso de Oralidade: Destacamos, dentro desta categoria, após a leitura da retextualização da entrevista IX, o recurso textual da repetição. Na fala da entrevistada, várias vezes, houve a necessidade de reiterar um termo já dito, substituindo o substantivo por um pronome correspondente, como mostraremos no exemplo abaixo retirado do texto:

Ex.: **A educação** nos dias atuais, na minha opinião, **ela** vem precisando a cada dia mais ter uma evolução...

Como eu disse **a educação**, (a escola, principalmente a escola pública do nosso país), **ela** precisa se adequar mais.

Notamos que a oração foi iniciada com um substantivo, mas logo o leitor percebe a quebra de simetria na construção ao trocar o termo **a educação** pelo pronome correspondente **ela**. Nesse caso, houve uma repetição através da quebra do paralelismo sintático, o que culminou num efeito desagradável para quem lê.

Outro traço de oralidade percebida no texto são as palavras grafadas com letras maiúsculas, como no exemplo abaixo. A escrita destacada de tais palavras usando esse recurso sugere que, na fala, houve uma ênfase ao pronunciar tais palavras e o recurso linguístico usado para traduzir essa ênfase na escrita foi grafar a palavra com letras maiúsculas.

Ex.: **Então ESSA é a COISA que MAIS me marca em toda a minha vida como educadora.**

A escrita destacada de tais palavras usando esse recurso sugere que, na fala, houve uma ênfase ao pronunciar tais palavras e o recurso linguístico usado para traduzir essa ênfase na escrita foi grafar a palavra com letras maiúsculas.

Disposição do Parágrafo: O recuo de parágrafos é marcado no texto em análise, no início de cada turno conversacional. Segundo Lukeman (2011, p. 137-138), o parágrafo é um dos elementos mais importantes da pontuação, pois é ele que dá forma e sentido ao texto, delimita o assunto em questão, prepara o cenário para o parágrafo seguinte e deixa o leitor com vontade de prosseguir na leitura, isso se for bem construído.

Apesar da marcação dos recuos de parágrafos no texto, notamos que há uma quebra de uniformidade entre os parágrafos, apresentando oito, sete, seis, três, ou um período. Certamente, isso depende tanto da resposta da entrevistada como também do domínio de adequação do retextualizador. Na verdade, cada resposta

dada, equivale a um microtexto com início, meio e fim. Vejamos exemplo de parágrafo retirado do texto:

Ex.: *A educação nos dias atuais, na minha opinião, ela vem precisando a cada dia mais ter uma evolução porque hoje nós temos um novo aluno em sala de aula, um aluno que ele está ALÉM do que muitas vezes a escola traz. Ele está envolvido com a tecnologia, com a internet, ele está conectado. Então ele precisa realmente de uma escola que esteja também acompanhando essa evolução. Eu acho que nesse momento a educação precisa acompanhar esse ritmo, precisa estar conectada e ter professores sempre aperfeiçoados também acompanhando toda essa evolução.*

Percebemos que o conteúdo do parágrafo sugere essa progressão de início, meio e fim sugerido por Lukeman. Nele, podemos observar a introdução, o desenvolvimento e a conclusão de uma opinião. Notamos que há uma declaração inicial que é desenvolvida e uma conclusão em que é reforçado o que foi dito no início.

Emprego de Letras Maiúsculas: Há, no texto, uma diversidade de recursos tipográficos distribuída em letras maiúsculas e minúsculas. O emprego de letras maiúsculas ou ainda caixa alta foi usado no texto com as seguintes finalidades: primeiro, como um recurso de oralidade, como nessa frase:

Ex.: ***Então ESSA é a COISA que MAIS me marca em toda a minha vida como educadora.***

As palavras marcadas com letras maiúsculas sugerem uma ênfase na fala da entrevistada. Há ainda o emprego de letras maiúsculas, no início dos períodos e na indicação de nomes próprios. Segundo a Gramática Normativa, nos dois últimos casos mencionados, deve-se realmente usar as letras maiúsculas, sendo assim, seu uso no texto foi de acordo com as normas gramaticais.

Percebemos a tipografia também como um recurso semiótico, no caso do uso da letra maiúscula, como um indicativo que marca individualidade no início dos nomes próprios, marcando também um limite inicial no começo de frases, como no exemplo abaixo retirado do texto:

Ex.: ***Entrevistador:** bom dia, vamos entrevistar a professora Irene. **A** senhora é professora há quanto tempo?*

Assim, ao usar a letra maiúscula para indicar quem vai falar, no início do nome próprio da entrevistada e no início da frase, o retextualizador nos mostra que tem o domínio dessas convenções de escrita, que as letras maiúsculas têm essa função de iniciar uma afirmação, ou iniciar nomes próprios.

Recursos de Pontuação: A pontuação observada no texto compreende ao emprego do ponto final, dois pontos, ponto de interrogação, vírgula, travessão e parênteses. Isso resultou num texto organizado do ponto de vista do uso da pontuação, facilitando a compreensão do leitor, visto que a pontuação tem toda uma significação e um valor ideográfico como veremos a seguir, através de alguns exemplos tirados do texto, mostrando o uso do travessão, do ponto de exclamação e da vírgula:

Ex.: - *Professora, eu estou aqui!*

Observamos que o travessão usado para marcar o discurso direto tem um caráter enunciativo, alguém vai falar. Por outro lado, o uso da vírgula, indicando uma pausa, destacou, valorizou a palavra professora. Lendo essa frase, no contexto da fala da entrevistada, verificamos que foi exatamente esse o sentido pretendido pela entrevistada, uma vez que ela fala que um dos aprendizados que marca sua profissão é poder estar com o aluno. Essa valorização é reforçada pelo ponto de exclamação no final da frase.

Outro exemplo que podemos analisar é o da seguinte construção:

Ex.: *Poder estar com o jovem, com o adolescente, partilhar o conhecimento e também aprender com ele, (porque hoje a juventude também nos ensina muita coisa).*

Segundo Halliday (1989), a pontuação ainda tem uma função de marcar “status”, ou seja, indicar sua função discursiva. Na frase destacada no segundo exemplo, não é suficiente saber que o ponto final serviu para finalizar a frase, mas também pra indicar que se trata de uma declaração. Desse modo, o uso do ponto final está intrinsecamente ligado a uma declaração. Destacamos ainda o uso dos parênteses que simbolizam uma intervenção no andamento da frase, uma intervenção com um tom de acréscimo.

4.10 ANÁLISE DA ENTREVISTA X

Transcrição da Entrevista X

Entrevistador: a nossa entrevista... é com a professora sharlione vamos falar um pouco sobre bullying na escola Professora... o que é bullying?

Entrevistada: bullying... éh:: são maneiras agressivas... intencionais e repetitivas que são praticadas com uma pessoa... isso sem motivo e isso... éh... éh... ocorre não só nas escolas mas em todo lugar pode acontecer

Entrevistador: que tipos de danos pode ter uma pessoa que sofre bullying?

Entrevistada: Traumas... baixa estima... medo... depressão... geralmente esses são os danos mas frequentes

Entrevistador: o bullying é um fenômeno moderno?

Entrevistada: bem... na verdade não é moderno... mas a pouco tempo... alguns anos é que vem sendo conhecido... adotou-se esse nome de bullying... as escolas estão adotando medidas para esse tipo de agressão... todo um trabalho está sendo feito.

Entrevistador: que medidas a escola está tomando para enfrentar esse problema?

ma Entrevistada: bem... a cada conversa com o aluno... o que manifestou bullying e o que sofreu... tenta trabalhar com os pais. ♥

Entrevistador: o bullying é uma doença?

Entrevistada: o bullying é um transtorno psicológico... nós podemos dizer que esse transtorno é causado por vários motivos éh... se a pessoa teve uma educação violenta... se não teve limites quando criança éh:: uma série de fatores que causa essa conduta

Entrevistador: obrigado professora

Entrevistada: por nada.

Retextualização da Entrevista X

Entrevistador: vamos entrevistar a professora Sharliane falando um pouco sobre bullying. O que é bullying professora?

Entrevistada: são maneiras agressivas, intencionais e repetitivas que são praticadas com uma pessoa sem um motivo. Isso ocorre não só nas escolas mais em todo lugar pode acontecer.

Entrevistador: que tipos de danos pode ter uma pessoa que sofre bullying?

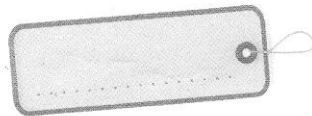
Entrevistada: traumas, baixa estima, medo e depressão.

Entrevistador: o bullying é um fenômeno moderno?

Entrevistada: Não é moderno mais faz pouco tempo que adotou-se esse nome de bullying. Nas escolas estão adotando medidas pra esse tipo de agressão todo um trabalho está sendo feito.

Entrevistador: que medidas as escolas estão tomando para enfrentar esse problema?

Entrevistada: a escola conversa com o aluno que manifestou bullying e o que



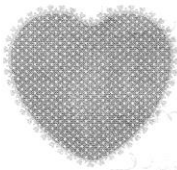
sobre e a gente tenta fazer um trabalho de conscientização junto com os pais.

Entrevistador: o bullying é uma doença?

Entrevistada: o bullying é um transtorno psicológico nós podemos dizer que esse transtorno não é causado por vários motivos se a pessoa teve uma educação violenta, se não teve limites quando criança é uma série de fatores que causa essa conduta.

Entrevistador: obrigada professora.

Entrevistada: por nada.



Recurso de Oralidade: Destacamos como um traço de oralidade observado na retextualização da entrevista X, primeiro, a redução de palavras. Esse fato é comum no ato da nossa fala coloquial, na qual frequentemente abreviamos palavras. Com relação ao uso das abreviações, observamos que não só no texto em análise, mas em outros, algumas foram tiradas na fase da retextualização, porém, algumas permaneceram. É o caso da palavra **pra** que permanece registrada na retextualização:

*Ex.: Nas escolas estão adotando medidas **pra** esse tipo de agressão, todo um trabalho está sendo feito.*

Destacamos o uso da expressão **a gente** equivalente na língua escrita ao pronome **nós**, mas que já faz parte da norma oral culta urbana, embora ainda não tenha ido para a escrita. Da transcrição para a retextualização, muitas marcas de oralidade foram tiradas pelos alunos, mas algumas não, como é o caso da palavra **pra**, tão enraizada na mente dos falantes que permanece na escrita. Vejamos o exemplo:

*Ex.: não é moderno mais faz pouco tempo que adotou-se esse nome de bullying. Nas escolas estão adotando medidas **pra** esse tipo de agressão todo um trabalho está sendo feito.*

Disposição do Parágrafo: Constatamos, nessa categoria, que os recuos são devidamente feitos todas as vezes que se inicia um turno conversacional. Como as perguntas e respostas no texto da retextualização X não são longos, cada recuo de parágrafo equivale a uma fala ou do entrevistador ou da entrevistada. Lukeman(2011, p. 139) ressalta a função do parágrafo quando afirma que:

A finalidade principal da abertura de parágrafo é definir e delimitar um tema. Uma das regras básicas da redação é que todo parágrafo deve ter um argumento ou tese, deve começar com uma idéia, desenvolvê-la e concluí-la.

Sendo assim, observamos que a estrutura do parágrafo do texto da entrevista X não atende a essa regra, uma vez que os parágrafos são bastante curtos e falta o desenvolvimento do tópico inicial. A entrevistada inicia uma afirmação e não se prolonga em desenvolver o que foi dito, passa logo para a conclusão. Vejamos um exemplo dessa afirmação:

*Ex.: não é moderno mais faz pouco tempo que adotou-se esse nome de bullying. Nas escolas estão adotando medidas **pra** esse tipo de agressão, todo um trabalho está sendo feito.*

Emprego de Letras Maiúsculas: Uma regra básica do emprego de letra maiúscula é que ela distingue o substantivo próprio do substantivo comum. Segundo Rocha Lima(1985, p.53), as iniciais maiúsculas são usadas em nomes de pessoas(prenomes, sobrenomes, cognomes, alcunhas). Contradizendo essa afirmação, temos no texto um desvio dessa regra básica de uso das maiúsculas, como no exemplo a seguir onde um nome próprio é grafado com inicial minúscula:

Ex.: *vamos entrevistar a professora **sharlaine** falando um pouco sobre bullying. O que é bullying professora?*

Além de suas regras gramaticais de uso, as letras maiúsculas têm valores semióticos, icônicos, podendo ser interpretadas pelos leitores não como simples marcas de obediência às normas, mas também como indicadores de classe e subclasse de palavras, no plano da gramática, e de importância, relevância, autoridade ou individualização na perspectiva semiótico-funcional.

Sendo assim, ao escrever o nome próprio da entrevistada com letra minúscula é como se a palavra perdesse a relevância e a individualidade que um nome próprio possui. A letra maiúscula, então, tem essa função de distinguir, ressaltar e individualizar, nesse caso, a palavra em destaque. Essa visão, não de norma, mas de uso da língua como fator social, é uma abordagem defendida pela Gramática Sistemico-Funcional, criada por Halliday(1989).

Recursos de Pontuação: Sabemos que uma das funções dos sinais de pontuação é indicar a separação entre as unidades significativas, tornando mais claros o texto e as frases, as pausas na leitura, as entonações, a supressões de palavras, a função sintática e o valor das orações.

Vemos, no texto em análise, que a pontuação empregada não ajuda, em alguns casos a facilitar o entendimento para o leitor. Um exemplo dessa afirmação é o fragmento abaixo em que o leitor tem que voltar um pouco durante a leitura para elaborar as pausas a fim de apreender o conteúdo do que foi escrito. Isso se deve a falta de vírgulas, o que deixa a leitura sem entonação, sem clareza.

Ex.: ***O bullying é um transtorno psicológico nós podemos dizer que esse transtorno é causado por vários motivos se a pessoa teve uma educação violenta, se não teve limites quando criança e uma série de fatores que causa essa conduta.***

Vejamos outro exemplo:

Ex.: são maneiras agressivas, intencionais e repetitivas que são praticadas com uma pessoa sem um motivo. Isso ocorre não só nas escolas mais em todo lugar pode acontecer

Nesse exemplo, também retirado do texto em análise, já podemos perceber o cuidado de quem o escreveu em separar unidades significativas tornando mais claro o texto, facilitando o entendimento do leitor. O uso da vírgula foi o responsável por essa “melhora” na clareza do texto, uma vez que indica pausas e evita uma leitura desacelerada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão efetivada neste estudo destaca a análise dos recursos não verbais que ocorrem durante a passagem do texto oral para o texto escrito, aqui chamada de Retextualização, de acordo com Marcuschi (2008), focalizando, especificamente, os recursos de oralidade, o recuo de parágrafos, o emprego de letras maiúsculas e os recursos de pontuação presentes nos textos produzidos pelos alunos.

Ao término da nossa pesquisa, observamos a princípio que a Retextualização é um recurso produtivo não só para o aluno, mas também para o professor. Para o aluno, porque a Retextualização é, antes de tudo, uma atividade de compreensão. Compreendendo o que leu, o aluno terá mais autonomia para reescrever o texto lido. Terá ainda, a oportunidade de trabalhar com diversos gêneros textuais.

Por outro lado, a Retextualização é um recurso produtivo para o professor porque se torna uma atividade instigante para o aluno, uma vez que sai do habitual e tão rotineiro ato de solicitar que o estudante escreva uma redação a partir de um tema. Facilita ainda o ensino de gêneros textuais além de ser um meta-conhecimento que favorece a interação com a linguagem, em situações de ensino-aprendizagem.

É importante ressaltarmos que a presente pesquisa contribuiu, ainda, para nos conscientizarmos de que, além da parte verbal, todo texto é constituído também por uma série de recursos não verbais como: cores, letras em formato diferente, a pontuação, o recuo de parágrafos (DIONÍSIO, 2011) e tantos outros que, em conjunto, têm um significado e indicam aspectos identitários de quem o escreveu, fazendo do texto uma unidade multimodal.

Quanto às categorias de análise selecionadas, no geral, foram observados os seguintes pontos: em todas as retextualizações a oralidade é um registro muito marcante, especificamente os marcadores conversacionais e, sobretudo, as repetições. Assim, consideramos, de acordo com Antunes (2005), a repetição como, muitas vezes, um recurso de continuidade do tema. Pode ser considerado ainda, como um outro recurso semiótico que se integra ao modo escrito.

Assim, há, em todos os textos, a forte influência da fala, ou seja, a grande força da oralidade na escrita, revelando a dificuldade do aluno em adequar seu texto às normas da escrita. Da transcrição da fala para o texto retextualizado, muitas vezes o aluno mostrou que não conseguia abandonar as convenções da oralidade, não havendo uma retextualização completa do texto. Como não houve mudança de gênero, isso ficou mais acentuado.

Quanto ao emprego de letras maiúsculas, observamos que esse recurso foi usado de maneira satisfatória seguindo as regras de ortografia. Em apenas um texto analisado foi deixado de escrever, por exemplo, nomes de pessoas e instituições sem a inicial maiúscula. Foi uma das categorias mais estável da nossa análise.

Assim, reafirmamos que os participantes da pesquisa demonstraram que têm um conhecimento baseado na gramática normativa, de como e quando usar o recurso de letras maiúsculas. Porém, nossa análise procurou basear-se nas orientações da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday que leva em consideração os usos da língua como fator social e que defende que a opção por usar diferentes tipos de letras em um texto, por exemplo, é um dos fatores de definição do texto e causa um efeito na leitura.

Continuamos com outra categoria abordada na pesquisa, em que foi analisado o recuo de parágrafos. Quase todos os alunos demonstraram conhecer o formato do gênero textual entrevista, sendo assim, satisfatória a organização escrita, em que foi seguida a estrutura típica das entrevistas. Somente um texto fugiu desse modelo adotado pelos demais participantes.

A cada turno conversacional, foi marcado um recuo de parágrafo, isso facilitou observarmos a organização espacial do texto e a visibilidade do conjunto de frases. O recuo de parágrafo é de extrema importância para uma leitura produtiva, pois é ele quem faz o caminho pelo qual o leitor irá ler o texto, se é da esquerda para a direita, em colunas, podemos compará-lo com a sinalização das ruas que orienta os motoristas a seguirem no caminho certo.

Finalmente, a última categoria selecionada foi a dos recursos de pontuação. Segundo Lukeman(2011), uma das funções da pontuação é complementar o texto e realmente pudemos verificar que naquelas produções sem vírgulas, por exemplo, a ausência desse recurso causava um estranhamento quando

lido. Não houve ausência de pontuação em nenhum dos textos e, sim, carência em alguns deles.

Também foi examinada a pontuação dentro do universo da multimodalidade, não usada no sentido tradicional, mas indicando, por exemplo: limites ou progressão no texto, individualizando palavras, marcar o andamento da leitura, marcar uma mudança de cenário, marcar ironia, enfim, muitas outras funções do que aquelas tradicionalmente estabelecidas pela Gramática Normativa através das regras de pontuação.

Concluindo, reconhecemos que os resultados foram satisfatórios em vários aspectos como: valorização da fala enquanto um texto a ser estudado, analisado e trabalhado em sala de aula e compreender que a língua é um sistema heterogêneo, portanto, a importância de atividades desse tipo em sala de aula.

Outro aspecto satisfatório após a realização da presente pesquisa foi a compreensão de que as produções textuais realizadas pelos alunos são compostas de uma parte verbal e outra não verbal. Há uma carência na escola em propor atividades que abordem esses recursos não verbais como parte significativa do texto. Geralmente, são vistos como meros símbolos vazios de significado.

Por fim, ressaltamos mais uma vez a proposta da Retextualização como uma técnica eficaz para produzir textos e exercitar na prática os diversos gêneros textuais. É uma ferramenta a mais para o professor nessa difícil, mas prazerosa, função de escrever. Com o término deste trabalho, ficamos cientes de que uma única proposta não será suficiente para desenvolver de uma forma eficiente a produção de textos, mas certamente já é o início de outras deste tipo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**. 9. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CAVALCANTI, Marilda; LOPES, Luiz Paulo da M. Implementação da Pesquisa na sala de Aula de Língua no Contexto Brasileiro. In: ENPULT, 10., 1990, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PUC, 1990.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- DELL'ISOLA, Regina L. Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DESCARDECI, M. A. A. de S. Ler o Mundo: um olhar através da Semiótica Social. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 3, n. 2, p. 19-26, 2002.
- DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECKZA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 137-152.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.
- FÁVERO, L.L; AQUINO, Z.G.O. Textualização de Produções Orais Formais – o caso da entrevista. In. KOCH, I. G. V.; BARROS, K. (Orgs.). **Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: UFRN, 1997, p. 67-72.
- FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A redação pelo parágrafo**. Brasília: Unb, 1998.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto alegre: Bookman, 1989.
- FLORES, Onici; SILVA, Mozana Rosseto. **Da oralidade à escrita: uma busca da mediação multimodal e plurilingüística**. Canos: editora da ULBRA, 2005.
- FONSECA, J. Lingüística e o Ensino de Língua Materna. In: ENCONTRO DE LINGÜÍSTAS PORTUGUESES, 1., 1984, Lisboa. **Actas...** Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1984, p. 259.
- GAGO, Paulo Cortes. Questões de Transcrição em Análise da Conversa. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 89-110, jul./dez. 2002.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a Pesquisa Científica**. Campinas: Alínea, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and Written Language**. England: Oxford University Press, 1989.

_____.; MATTHIESSEN, C. M. I. K. **An introduction to Functional Grammar**. 3. ed. Londres: Arnold, 2004.

HOUAISS, Instituto. **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Versão monousuário. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRESS, G.; VAN LEUWEEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

LIMA, C. H. R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LUKEMAN, Noah. **A Arte da Pontuação**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MAIA, João D. **Português: série novo ensino médio**. São Paulo: Ática, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19 a 38.

MATÊNCIO, M. L. M. Atividades de Retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v.6, n.11, p. 25-32, 2002.

_____. Referenciação e Retextualização de Gêneros Acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do rio de Janeiro, 2003.

ORECCHIONI, Catherine Kerbrat. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.

PELLEGRINI, Denise. Entrevista com Emília Ferreiro. **Revista Nova Escola**, junho 2001. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ato-ler-evolui-423536.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

PEREIRA, D. R. M. **Atividades didáticas para ensino de português em ambiente digital: uma análise semiótica**. 2010. 318f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

PONTES, Antônio Luciano. A Saliência Visual em dicionários escolares. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2., 2008, Recife. **Livro de Resumos**. Recife, 2008, p. 29.

PRETI, Dino (Org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. 3. ed. São Paulo: Humanitas Editorial, 2006.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 41. ed. Rio de Janeiro: José Olyimpo Editora, 2001.

SANTOS, F.; CABRERA, L.; GÓES, V. Retextualização de Texto Oral. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 1, n. 4, 2009. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/view/6278/5696>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

SEIDMAN, I. E. **Interviewing as qualitative research**: a guide for researches in education and the social sciences. Columbia: Teachers College Press, 1991.

SIMÕES, D. **Iconicidade Verbal**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

SQUARISI, Dad. **Como escrever na internet**. São Paulo: Contexto, 2014.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, N. G. **Tradução Retextualização**: a tradução numa perspectiva textual. Uberlândia: EDUFU, 2003.

URBANO, Hudinilson. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2001.

VERCEZE, R. M. A. N.; NOGUEIRA, Erick Sanchez. Fala versus Escrita: atividades de retextualização. **Zona de Impacto**, v. 4, a. VIII, p. 01, 2005.

VILLELA, Ana Maria Nápoles. Qual o Papel da Pontuação na Representação Escrita da Língua?. **Scripta**, Belo Horizonte, v.8, n. 16, p. 184-200, 2005.